



at h
la C
u
da v
a h
vnde
sino
line
Pa
u m
u m
quac
duo
m
m 2
de

A Bertha Otigão.

A ti, candida rosa, filha amante
da Arte, a quem edeu a Natureza
os segredos da luz e da bellera,
da verdade e da graça fulgurante;

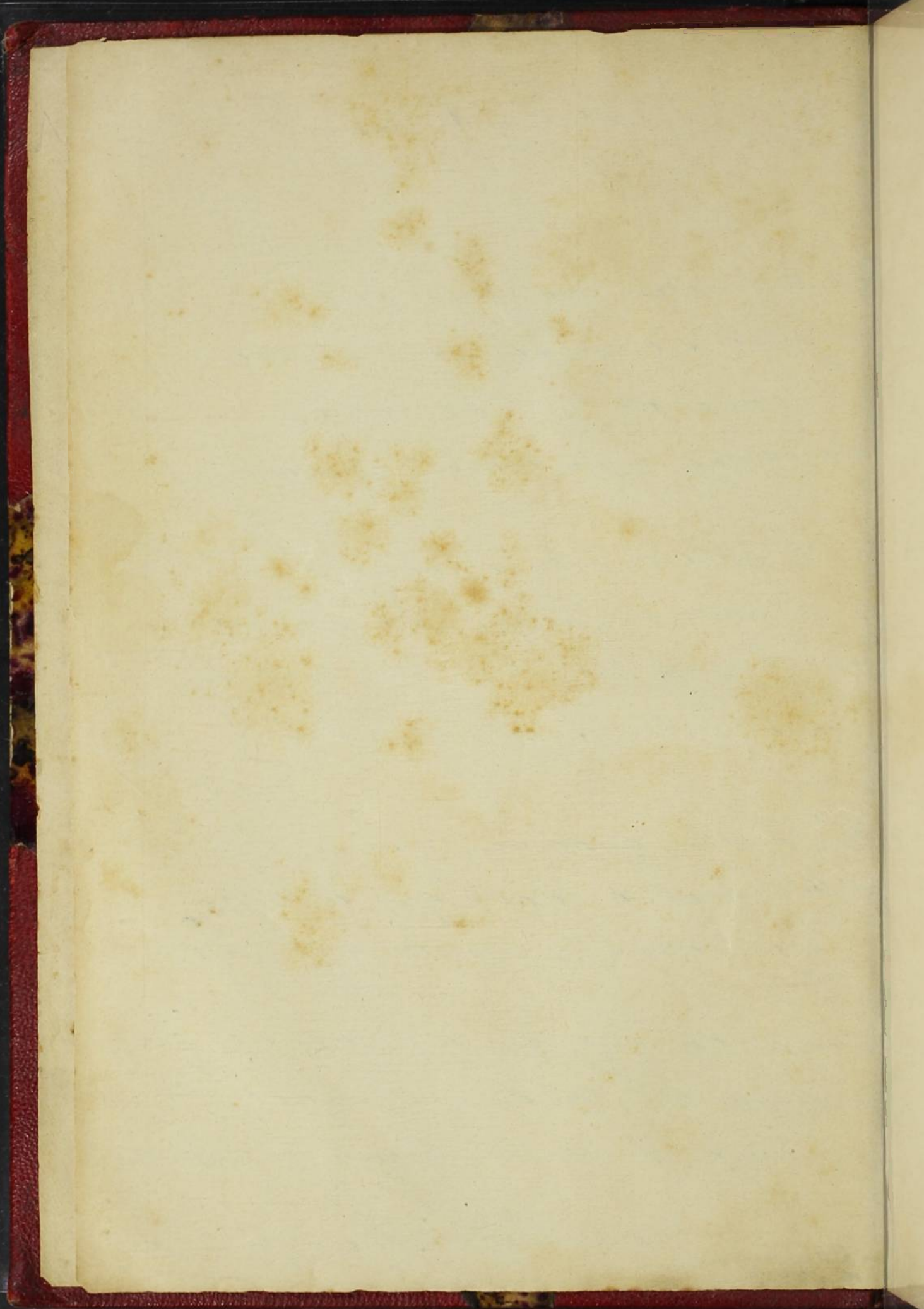
a ti, alma de artista, vacillante
venho trazer um livro, uma surpresa
singelissima sim, mas com certeza
sincera, enthuistica, dominante!

São tambem quadros simples, concebidos
ao lembrar a idade que desperta
as mais doces memorias e gemidos;

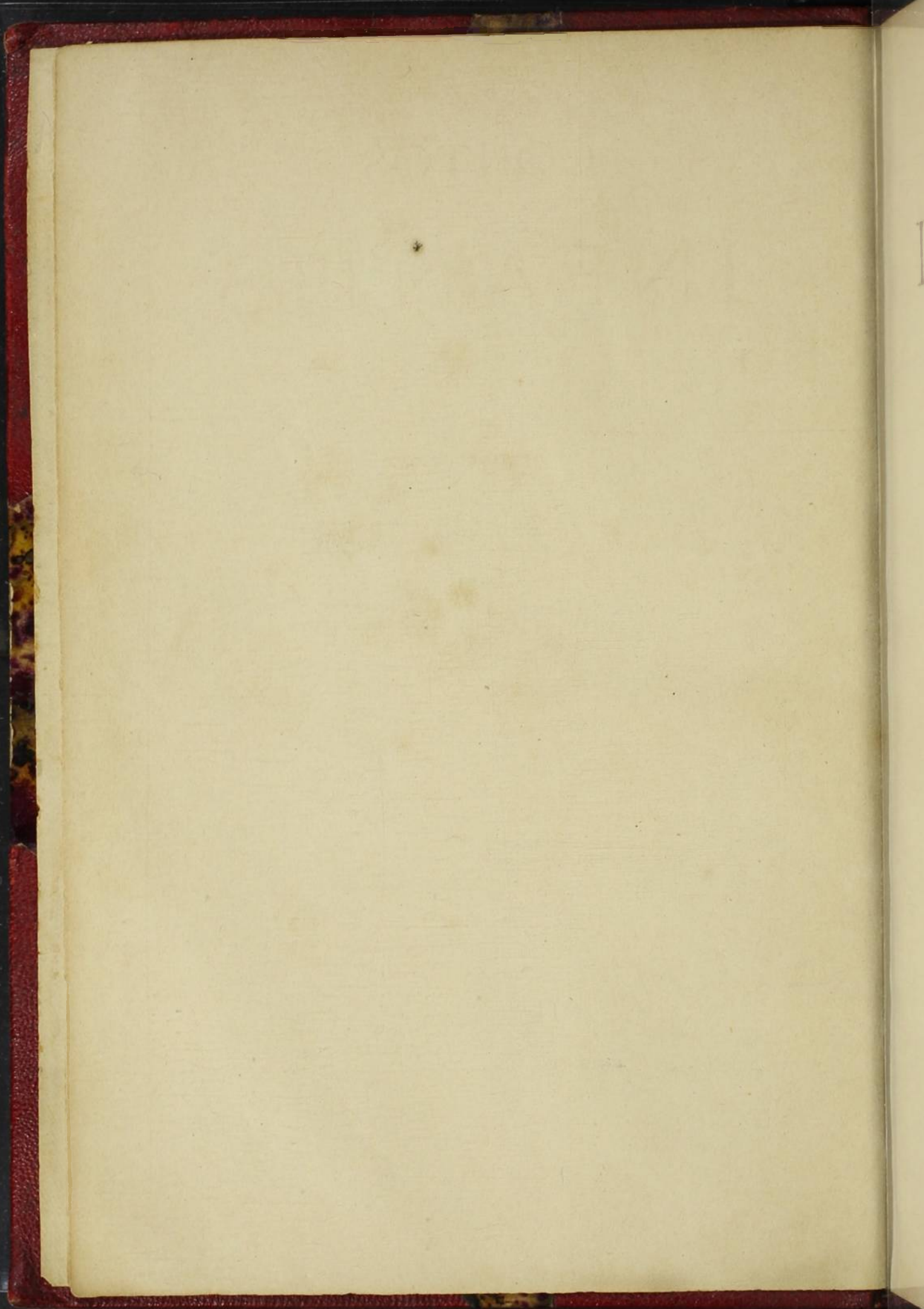
quadros da infancia descuadada e incerta
descriptos com amor e coloridos
por almas de mulher. Accita os Bertha!

Em 25 de Agosto
de 1887.

Adelina Amelia Lopes Vieira



CONTOS INFANTIS



CONTOS
INFANTIS

EM VERSO E PROSA

DESTINADOS

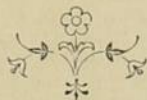
ÀS ESCOLAS PRIMARIAS DO BRAZIL

POR

Adelina A. Lopes Vieira

E

Julia Lopes



LISBOA
TYPOGRAPHIA MATTOS MOREIRA
15, Praça dos Restauradores, 16
1886

As autoras reservam-se todos os direitos de propriedade, que as leis do seu paiz lhes garantem.

PROLOGO

Animou-nos a publicar este livro, destinado ás escolas, isto é, ás creanças, a approvação autorisada e franca dos illustrados senhores, Barão de S. Felix, Barão de Paranapiacaba, Dr. Victorio da Costa, que, entre outros distinctissimos escriptores, nos ouviram n'uma leitura feita no Rio de Janeiro, em casa do nosso amigo e mestre, Dr. José Maria Velho da Silva, a quem d'aqui agradecemos essa amavel festa de que tão gratas recordações guardaremos sempre.

Os *Contos Infantis* são umas narrações singellas, em que procurámos fazer sentir aos pequeninos paixões boas, levando-os com amenidade de historia a historia.

Alguns episodios pódem ser tidos como não naturaes, são esses os em que as flores fallam,

e os animaes raciocinam; mas isso mesmo fizemos como tactica subtil, para tornarmos animaes e flôres comprehendidos e estimados pelas creancinhas.

Assim todas as nossas historias são simples; narrações de factos realisados, muitas. Julgamos que quanto mais approximado fôr da verdade o assumpto mais interesse desperta em quem o lê. D'esta arte o pequeno leitor seguirá entretido a historia de uma menina pobre; de uns pombinhos mansos; de uma velha engilhadinha e tremula; de um burrinho trabalhador; ou de uma mãe carinhosa, parecendo-lhe vêr: na menina pobre a filha de um visinho; nos pombos mansos, uns que lá vão a miudo ao seu jardim, e aos quaes nunca mais fará mal; na velhinha, a sua avó querida; no burrinho trabalhador e paciente, o pobre burro magro de um carroceiro bruto; e finalmente na mãe carinhosa, a sua propria mãe!

Elle verá então com sympathia os que soffrem, affeiçoando se assim á grande familia dos infelizes!

O nosso fito é a educação moral e esthetica; um desejo que, por ser bem intencionado, deve ser permittido.

Diligenciámos dar á fôrma e ao estylo simplicidade e correcção, naturalidade e sentimento, cousas que se devem alliar principalmente nas paginas de proposito escriptas para creanças. A claresa dos conceitos e a verdade, são elementos

saudaveis para o seu espirito, que se vae assim formando sem esforço, bebendo seiva natural e vivificadora.

Não cremos que este pobre livro alcance em absoluto nosso intento, mas temos a convicção de que não será inutil; porque, se não basta a bôa vontade para se escrever uma obra, que impressione e que corrija erros, são incontestavelmente de grande valor para o espirito mobil das creanças, umas phrases bondosas, em que a virtude derrame o seu perfume suave, capaz de modificar impetos de genio e indifferença pelo soffrimento alheio.

Que uma unica das creanças, que nos lerem, pratique, imitando um de nossos heróes, uma acção bôa, e ficaremos bem pagas da canceira.

Temos lido muitos livros injustamente classificados, ou antes, destinados *para a infancia*. O que conteem na sua maior parte? Historias insulsas e banaes ou phantasias absurdas e intrincadas, que só uma intelligencia amadurecida pôde entender.

Para a comprehensão das creanças toda a violencia é má. Se lêem com attenção, fatigam-se em busca da verdadeira ideia occulta entre os labirintos da phrase, se não lêem com attenção, se o fazem machinalmente, perdem um trabalho, que as enfada, e que nada de bom lhes deixa.

É preciso ter-se consciencia de tudo o que se faz.

Diz P. J. Stahl, no prefacio do delicioso livro de Luiz Ratisbonne — *Comédie enfantine* — que é necessario alimentar o espirito das creanças, como o seu corpo, com o que ha de mais puro e são.

E é bem certo isso.

Condemna com justiça esse escriptor os livros feitos ás duzias, ao correr da penna, e destinados á infancia; livros sem relevo, sem aroma, e aos quaes está reservado o direito de fallar em primeiro logar ao que ha de mais subtil, de mais fino e delicado n'este mundo, á imaginação e ao coração das creanças!

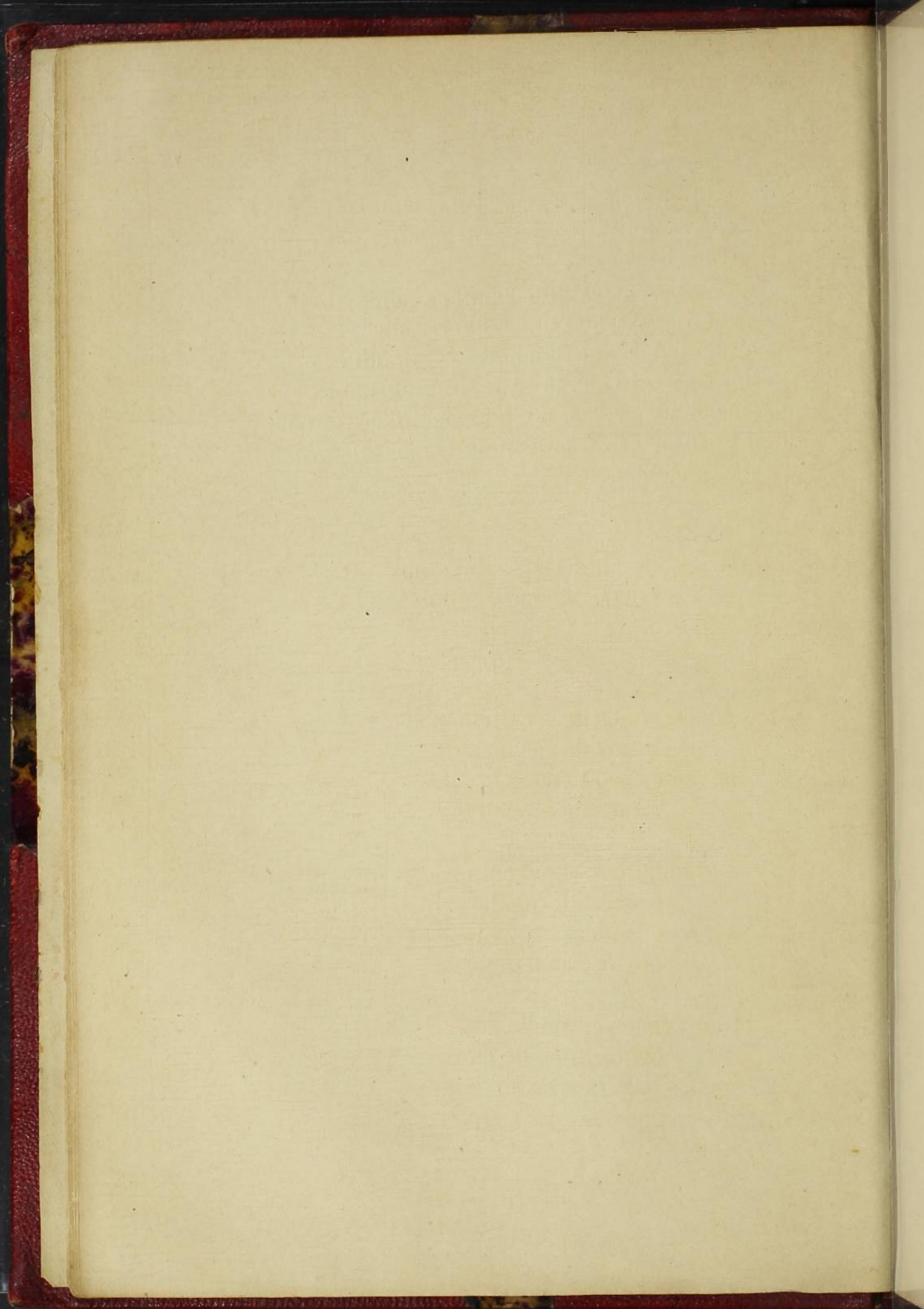
•Eu desejava desanimar esses pobres escriptores, continua elle, fazer-lhes comprehender bem que, quando se escreve para as creanças, a tarefa não é, como parece acreditar, o diminuir-se, abaixarem-se, descerem; ao contrario, a tarefa é subirem, subirem sempre, subirem tão alto, quanto possa attingir o espirito humano, isto é, até á alma da creança, até ás espheras superiores, que ella habita e habitará, enquanto a sciencia da vida a não tiver feito descer para prendel-a á terra como a nossa.

•A Academia premeia livros de toda a especie: de Historia, de Philosophia, e de Sciencias em geral. Eu quizera que ella reservasse annualmente uma das suas corôas, e a mais rica, para as composições felizes, que devem encantar a infancia; quizera que assignalasse com ova-

ções extraordinarias a passagem de uma d'essas aves raras: um livro devéras amavel para uso das creanças.

Apresentando ao publico o nosso modesto trabalho, dizemos como o escriptor francez:

Desejámos vêr saudados com enthusiasmo em nosso paiz livros, já se vê, escriptos por penas mais abalisadas do que as nossas, e com direito a ovações, mas como este, destinados ao uso das creancinhas.



CONTOS INFANTIS

AOSS NOSSOS ADORADOS SOBRINHOS VALENTIM,
LUIZA, ADELINA E HOMERO

A vós, anjos de paz, immaculados
beijos de casto amôr,
trazemos estes contos iriados,
ramos de muita flôr,

que reunimos tendo em pensamento
o vosso doce olhar
e o riso de ideal contentamento,
que os vae illuminar.

Não sabeis ler ainda, sois, amôres,
pequeninos de mais;
apenas soletráes os mil fulgores
dos olhos maternaes.

Ouvi attentos pois, socegadinhos,
os contos infantis
d'este livro, deitando caladinhos
as cabeças gentis

no regaço materno. N'essa idade
é facil entender
o que é amar a Deus e á humanidade,
mesmo sem saber ler.

Quando crescerdes mais, flores bemditas,
a vossa doce voz
recitará as paginas escriptas
com o pensamento em vós.



I

A leitura

Cegára o velho general e desde então nada havia que o fizesse sorrir, nada que lhe prendesse a atenção, nada que o distraísse! Mergulhado na pavorosa noite da cegueira entregava se completamente a todo o horror das suas cerradas trevas, sem forças para reagir.

Tinha só um filha, viuva, e uma neta, que a mãe puzera n'um collegio pensionista.

Um dia, vendo a bôa senhora que o pae estava peor e mais triste ainda, mandou buscar a filha, a sua Valentina.

Veio a menina ameigar o avô; beijava-o, passava-lhe pelas longas barbas brancas as mãos mimosas, contava-lhe cousas divertidas passadas entre as collegas e ella... e o velho silencioso!

Esgotados todos os recursos tomou a pequenita um livro e poz-se a ler umas historias de guerra, umas scenas de campo de batalha, e de hospital de ambulancia . . .

O rosto do infeliz general transformou-se; uma alegria suave espalhou-se-lhe pela phisionomia. Quando a avelladada voz de Valentina esmorecia, animava-a elle dizendo-lhe :

—Tem paciencia, meu amôr, lê mais!

Desde esse dia reanimou-se o cego; passava horas felizes ouvindo a netinha ler.

É que então elle via clara, distinctamente, tudo o que o livro dizia; voltava ao passado, á juventude, sonhava. sahia do presente amargo e doloroso, e pela blandiciosa voz da neta ia a um tempo de alegria descuidada e de ardente enthusiasmo! Por isso quando o velho adormecia tranquillo, esquecido da sua desventura, quasi risinho, Valentina ia dizer contente á mãe :

—Agora é que eu comprehendo bem, o quanto vale á gente o saber ler.





Um heroe

AO MEU QUERIDO ARNALDINHO

Cezar era o denodo em miniatura,
um lindo valentão!
Sem luz corria qualquer sala escura . . .
Era em tudo o ideal da travessura,
mas . . . que bom coração!

Depois de febre atroz, disse ao menino
um dia o bom doutor :
—Basta de xaropadas e quinino,
banhos do mar agora, e fica fino
o meu traquinas mór.

Eis Cezar jubiloso; o dia inteiro
cantou, sem descansar :
foi com o papá comprar, por bom dinheiro,
um fatinho gentil de marinheiro,
e levaram-n'o ao mar.

Em frente á movediça immensidade
eil-o . . . a tremer tambem,
mas reagiu e disse: Que vontade
tinha de mergulhar, isso é verdade,
mas, não me sinto bem . . .

Puderam convencel-o a muito custo
a deixar-se despir ;
mas quando o ergueu o biceps robusto
do banhista, ficou hirto de susto,
e quasi a succumbir.

Entrava então um grupo de rapazes
no mar, levando um cão
feio, magro, a morrer e pertinazes
tentavam afogal-o. Eram capazes
de tudo. Que afflicção !

Abraçado á mamã, envergonhado,
o anginho, com terror
olhava para o mar encapellado,
mas, reparou no barbaro attentado
e murmurou: Que horror!

Deu um, grito, e fugindo inconsciente
aos braços da mamã,
entrou no mar correndo e *incontinenti*
furtou á morte a victima fremente
com denodado afan.

E de pé, todo envolto em branca espuma,
innundado de luz,
deixou passar as vagas uma a uma,
sem recuar um passo, porque, em summa,
o amor do bem seduz.

Poz em fugida *os maus* uma creança
com um sereno olhar !!
E quando Cezar viu a vaga mansa
beijar-lhe os pés em festival bonança
disse: Eu te adoro ó mar !



III

O passarinho

Ao ver o traíçoeiro disfarce com que o pequeno Paulo preparára uma armadilha e caçára no quintal uma avesinha, chegou-se a elle a irmã mais velha e disse-lhe n'uma admoestação branda :

—O que fizeste Paulo ?

—Apanhei este passarinho, canta muito bem ; todos os dias o ouvia.

—Mas se o ouvias todos os dias, para que o prendeste ?

—Para tel-o na gaiola ao pé da minha cama!

—E achas isso bonito ?

—Acho.

—Olha, vem cá; eu vou contar-te uma historia; senta-te mesmo ahi na grama, eu fico n'esta pedra.

—Conta depressa, Eugenia.

—Não sejas impaciente, escuta:

—Era um dia um passarinho muito bonito, muito alegre, muito gorgeador. Ia todas as manhãs cantar perto da janella de um menino, que se chamava José, mas que era muito mais lindo do que o nome. Um dia quando o pobre passarinho cantava, o pequenito o agarrou, assim como tu, traiçoeiramente. Metteu-o n'uma gaiola pequena com bebedouro de crystal e chão dourado, mas desde então o passarinho immudeceu e ficou triste, triste a mais não ser! Uma noite sonhou o menino que a avesinha lhe segredava estas palavras ao ouvido:

—Como tu foste cruel! Eu vinha contar-te todos os dias as minhas alegrias, deleitar-te com meu canto, e para agradeceres-me, prendeste-me! Onde está a minha liberdade? onde está o meu ninho? onde estará minha mãe?! Tiraste-me tudo! roubaste ao teu artista a ventura, des-te-lhe um carcere, a elle, que te vinha contar todas as manhãs seus sonhos!... Como foste ingrato!... Eu morro!... eu morro!... Um bater d'azas angustioso acompanhou as ultimas palavras. José acordou espantadinho e correu para a gaiola. A avesinha tinha acabado de morrer, estava ainda morna e com o biquinho entre-aberto.

José desfez em prantos suas maguas. Jurou não fazer mal aos animaes, e muito tempo em sonhos, ouvia a debil voz do passarinho dizer-lhe:

Como tu foste ingrato! eu morro!... eu morro!

--Choras, querido Paulo? não vês que isto é uma historia? então!... mas, onde está a tua linda avesinha?

—Deixei-a partir; ouvil-a-hei cantar de manhã cedo nos galhos da laranjeira!



IV

Meiguice

A MINHA PRIMA E AFILHADA ESTHER MACHADO

Deram á linda Clarisse
uma gatinha mimosa
tão branca, tão carinhosa,
tão engraçada, tão mansa,
que a encantadora creança
pôz-lhe o nome de — Meiguice.

Tinha bom leite ao almço
e biscoitos e bolinhos ;
dormia em sedas e arminhos,
e *ronronava* fagueira
quando sentia a colleira,
de fita azul no pescoço.

Clarisse amava de veras
a bichinha côr de neve,
e a gata, nervosa e leve,
adorava a pequenita;
e tinham graça infinita,
estas amigas sinceras !

Veio Raul, o mais louro
e traquinas dos rapazes,
forte e audaz entre os audazes,
fanfarrão e desordeiro ;
correu a casa ligeiro
indo encontrar o thesouro,

a doce e branca Meiguice
deitada commodamente
na cama fôfinha e quente
da prima, e gritou : — Que vejo?
um bicho tão malfazejo,
sobre o leito de Clarisse !

E zas, suspendeu a gata
pela colleira de lita,
atirou a pobresita,
ao jardim e satisfeito,
foi contar o heroico feito
á priminha.

Na cascata

debatia-se Meiguice
miando, fria, transida,
a morrer.

O gaticida
sentiu remorso pungente
ao ver o pranto tremente
no olhar azul de Clarisse;

e . . . correndo denodado,
deitou-se ao lago profundo,
(dois palmos d'agua); do fundo
tirou Meiguice e offegante
disse em tom dilacerante :

— Salvei-a !

Estou perdoado ? !



V

O remendo

N'um dia sem sol, frio e humido, lá foi para o campo a pobre Joanninha tomar sentido nos carneiros e nos porcos do padrinho.

O vento entrava-lhe pelos rasgões do vestidinho de chita já muito desbotado, as pernas finas, nuas, trigueiras, batiam-se tremulas; os dedos hirtos mal seguravam a agulha, que levára para remendar a saia.

Cosia. Os pontos eram de metter medo, enormes! mas eram pontos, eram trabalho, eram boa vontade.

Ninguem a ajudava. Fôra engeitada, recolhera-a o velho Anselmo, que, como tinha muitos filhos, não podia dar-lhe o pão; vendia-o, pois, fazendo-a zelar meia duzia de animaes, que possuía.

A pequena não se queixava nunca. Logo de madrugada despertavam-n'a brutalmente dos sonhos, em que só lhe era dado gozar um pouco; erguia-se a custo e ia para o campo, onde ficava sosinha horas e horas!

Quando havia sol, bom era, mas quando fazia frio, punha-se a triste Joanninha agachada a um canto, encolhendo as pernas e esticando o vestido para agasalhar-se.

N'essa manhã então havia tanta humidade, um ar tão gelido e penetrante que Joanninha mal sustinha a agulha; comtudo era preciso coser; o vestido assim rôto era uma vergonha e pouco lhe serviria se o não concertasse! Com sacrificio principiou a deitar um remendo de chita côr de rosa sobre a sua saia azul. A linha embaraçava-se, dava nós; espetou os dedos, fez sangue, mas não desanimou. Attenta, cuidadosa, curvava-se para a costura com verdadeira tenacidade.

Quando acabou sentiu-se moida, doiam-lhe muito as costas, mas ficou satisfeita, orgulhosa com o seu trabalho! Aquella nesga côr de rosa no fundo azul brilhava aos seus olhos, trazendo-lhe á lembrança a nuvensinha, que vira pela manhã na lisa placidez anilada do ceu.

Quando á tarde voltou á villa, riram-se d'ella uns pequenos sem coração, que lhe perguntaram cheios de ironia:

—Ó Joanna, quem é a tua modista?

A pequena cabisbaixa não respondeu e foi an-

dando. Chegou por fim a casa. A filha do padrinho ao vê-la, rio-se também dizendo á irmã mais nova :

— Como é feio um remendo !

Joanna curvou silenciosa a cabeça.

Então o velho cura, que ali se achava de visita, perguntou :

— Quem te concertou o vestido, Joanninha ?

Ella, tímida, vermelha como um bago de romã, balbuciou a medo : fui eu . . .

— Vem cá meu amor e dá-me um beijo. A menina envergonhada aproximou-se e o velho continuou :

— A filha do teu padrinho enganou-se. O remendo não é feio, ao contrario. Eu por mim confesso que nunca te vi tão bonita como te vejo hoje ! Porque ? porque trazes o vestido remendado por ti ! É que leio a tua boa alma n'este quadradinho de chita. O remendo, minha filha, prova-me que és cuidadosa, economica e trabalhadeira . . . Vamos lá, não chores ! então ? !

E o velho affectuoso acariciava a pobre pequenita, que, se chorava, era de commoção. Se ninguem nunca a amimara assim !

Comprehendendo-a o cura tomou-a á sua conta ; deu-lhe vestidos novos, pôl-a n'um collegio, fel-a feliz, e conserva ainda n'um cofre, como uma reliquia, o vestido que a sua Joanninha remendou, e que lhe ha de ser entregue com o dote na cesta do enxoval !

VI

Vingança

De Luiz Ratisbonne

A MINHA AFILHADINHA ADELINA CABRAL

Ignez corria atraz da irmã levando a mão cheia de pedras. — Má! Espera; vaes pagar o teres-me batido, eu vou . . .

Eis vê chegar a mamã, que lhe diz: — Calmemo-nos, então! — Paula bateu-me; assim, preciso defender-me. — Abre essa mão primeiro e atira as pedras fóra. Ignez obedeceu.

— Bem, minha filha, agora repara: ao apanhar as pedras arrancaste, sem suspeitar sequer, uma violeta inermes, que, cega pela raiva, inconsciente, esmagaste.

Vê como a doce flor castiga a tua offensa.
P'ra vingar-se de ti a mão te perfumou.
Ignez, sentindo então uma vergonha immensa,
curvou a cabecinha e tremula corou.

—Filhinha, disse a mãe com magica doçura,
deves vingar-te, sim. . . como a violeta o fez.

.....
E a perfumada mão, tão pequenina e pura,
á irmãsinha estendeu a arrependida Ignez.



VII

Muito mais

De Luiz Ratisbonne

A MEU AMIGUINHO LINDORF FRANÇA

Perguntaram a Oscar, o rei dos joviaes,
(creio que esta pergunta era de uma visinha):
A quem amas tu mais, ao papá ou á mãesinha?
Oscar respondeu logo: Amo aos dois, *muito mais!*

VIII

Os sapatinhos azues

A MINHA SOBRINHA LUIZINHA

Foi um dia uma menina, que se chamava Luiza. Era bonitinha, mas muito pobre. Toda a gente da vizinhança gostava d'ella; é que mesmo não podia haver creança mais meiga, nem mais submissa.

À tarde era certo vel-a sentadinha á porta a brincar descalça, a coitadinha, com o seu vestidinho de chita escura escorrido, os cabellos loiros em desalinho cahidos sobre os hombros, os grandes olhos negros e innocentes fitos nos trapinhos, com que fazia roupa para a sua boneca, uma bruxa de panno com cabelleira de lã e olhos de retroz. Tinha um aspecto triste a boa Luizinha; não parecia uma creança; tanto juizo era o seu!

Pois bem. Um dia veio uma cousa má turbar a paz d'aquella boa alminha.

Imaginae o que . . . a inveja!

Luizinha viu nos mimosos pés da mimosa filha de uma burgueza rica uns sapatinhos azues.

Aquelles sapatinhos pizaram-lhe a alma, a sua boa alma, que não devêra ter calido nunca . . .

Foi pena; mas a perfeição não é da terra e afinal Luizinha tinha nascido n'este mundo.

Á noite adormecia e sonhava que via uma grande escada de crystal, cheia de luz, de trepadeiras em flor, despenhadas do corrimão como uma cascata exhaladora de perfumes fortes, onde esvoaçavam doidas borboletas. Olhando attonita para essa escada luminosa ella divisava lá em cima, no primeiro degráo, uns pés pequeninos calçados de setim azul. Eram elles, eram os pés da menina rica . . . bem os conhecia!

De degráu em degráu certificava-se que era mesmo a sua invejada, que descia.

Agora via-lhe já as meias de seda com lavores em aberto . . . depois a orla do vestido bordado . . . depois a larga faixa franjada . . . depois os braços roliços com covinhas nos cotovelos e pulseiras d'ouro . . . depois o collo redondo, branco como o leite, em que brilhava a cruzinha de pedras . . . depois o rosto alegre corado como uma maçã madura, e os cabellos escuros presos no alto com um lacinho de fita . . . Então sentia-a passar, roçar-lhe mesmo o vestido enxovalhado, e tentava apalpar-lhe o fato com as mãosinhas

emagrecidas, mas a radiante visão desaparecia e Luizinha desejava subir a escada, porque lá via em cima o lindo par de sapatinhos azues; porem, ao aproximar-se as flores immurehecião, o crystal dos degráus estalava e todas as luzes se apagavam.

—Pobre Luizinha!

Uma manhã acordou ella toda chorosa. A mãe inquietou-se e indagou a causa das lagrimas.

A pequenita fez sem medo a sua confissão, e a bôa mulher entristeceu-se.

—O que, meu amor! dizia ella, pois tu tens inveja!? um peccado tão feio, tão negro! Não, meu bemzinho, não! Vem d'ahi; quero levar-te á egreja para mostrar-te que tambem estão descalços os anjos do Senhor!

E foram.

O dia estava claro, de uma transparencia crystalina, limpida.

Entraram no templo. A mãe mostrou á filha as telas dos altares: descalços estavam os anjos, descalço estava Jesus.

Foi boa a resolução; porque ao sahir levava Luizinha a convicção de que não devia ter inveja da mimosa menina dos sapatinhos azues.



IX

D. Quixote

A MEUS PRIMINHOS OCTAVIO E RUBEM LEITÃO

Paulo tinha seis annos incompletos ;
tinha só quatro o louro e gentil Mario.
Foram á bibliotheca, sorrateiros,
e ficaram instantes, mudos, quietos,
a espreitar se alguém vinha; então, ligeiros
como o vento, correram p'ra o armario,
que encerrava os volumes cubiçados :
eram dois grandes livros encarnados
cheios de formosissimas gravuras,
mas pezados, meu Deus !

Os pequenitos
porfiavam cançados, vermelhitos,
por tiral-os da estante. Que torturas !
Stavam tão apertados, os maldictos !

Emfim, venceram, não sem ter luctado . . .
Paulo entalou um dedo, o irmãosinho,
ao desprender os livros, coitadinho!
cambaleou, e foi cahir . . . sentado.

Não choraram; beijaram-se contentes
e Paulo disse a Mario:—*Que bellote!*
vamos ver á vontade o D. Quixote,
sem os ralhos ouvir, impertinentes,
da Avó, que adormeceu. Oh que ventura!
Mario, tu não te mexas, fica attento;
eu vou mostrar-te estampas bem pintadas
com uma condição: cada figura
ha de trazer ao nosso pensamento
uma d'essas partidas engraçadas,
que eu sei fazer. Serve-te assim?—

—'Stá dicto.

Oh que homemzinho magro! Que exquisito!
Quem é?—

—É D. Quixote,

—O barrigudo

é dona Sancha, que a mamã me disse.—

—Dona Sancha é mulher. Oh! que tolice!
O nome que elle tem, bobo, é Pançudo.

—Que está fazendo o padre na cadeira,
a entregar tanto livro á rapariga?

—São livros maus, que vão para a fogueira.

—Quaes são os livros maus?—

—Não sei, mas penso

que devem ser os que não teem dourados
nem pinturas. Por mais que o papá diga
que o livro é sempre bom, não me convenço.

—Ouves? Chamam por ti, fomos pilhados!

— Meu Deus, como hade ser? Mario, depressa,
vamos arrumar isto; assim.

—Não cessa

De chamar-nos a Avó!

—Prompto.

—Inda faltam

tres livros.

—Já não cabem.

Que canceira!

—Teem figuras?

—Não teem.

—Capas bonitas?—

—Tambem não teem.—

—Então são mãos e saltam

pela janella: atira-os á fogueira.

Eram Seneca, Eurico e os Jesuitas.

Escaparam do fogo os condemnados,
ficando um tanto ou quanto amarrotados.

Salvou-os o papá, mas, impiedoso,
fechou a bibliotheca, e rigoroso
condemnou os dois réos, feroz juiz!

A soletrar . . . OS CONTOS INFANTIS!

X

**Historia de um vintem contada
por elle mesmo**

É singular a minha vida.

Passo de mão em mão, sempre cubiçado e sempre cedido!

Realiso o moto continuo, ando n'um circulo, não vejo o fim da minha carreira.

Onde irei eu? Não sei! De onde vim? Da soberba montanha onde nasci, onde me foram buscar os mineiros, que me trouxeram para uma grande fabrica! Passei pelos mais horrorosos transes; lavaram-me, abrazaram-me, fundiram-me, cunharam-me! Homens e machinas torturaram-me sem piedade; e no fim de tão barbaros processos, chamaram-me... vintem!

Só depois de muitas impertinencias puzeram-me ao ar livre.

Principiei o meu giro. Cahi desastrosamente

nas mãos de um usurario, que me fechou cheio de cautella na gaveta da sua secretaria, repleta de moedas de oiro e de prata! Essas riram-se de mim n'um tilintar sonoro, chamando-me pobretão!

Um dia, porém, apertou a fome ao usurario e elle trocou-me por um pão duro e sem sabor. Fui desgostoso. Indignava-me aquillo. A avareza é revoltante,

O padeiro por sua vez trocou-me por uns confeitos duros como pedras; o confeitiro por um cigarro secco; o cigarrista por um numero, que sahio branco n'uma feira, e assim andei de mão em mão sempre humilhado, sempre a maldizer a minha vida, até que um dia no jogo do pião, cahi por sorte a um menino, que me elevou no meu proprio conceito. Eu estava n'um cantinho da sua algibeira, quando uma velhinha, sentada á esquina, lhe disse:

—Meu filho: dae uma esmolinha para matar a fome a esta desgraçada!

Ouvindo essa debil voz, o menino metteu a mão no bolso e tirou-me de lá. Aquelle contacto estremeci n'uma commoção extranha. Elle abrio os dedos e deixou-me cahir no regaço da velhinha. Foi o meu primeiro momento de prazer. Os labios frios da mendiga beijaram-me, molharam-me as lagrimas dos seus olhos!

—Deus lhe pague! murmurou ella com a voz tremula ao seu protector.

Sim! Deus lhe pague, disse eu tambem; não só porque matou a fome a uma desgraçada, como porque me fez consciente do meu valor!

Estou de novo na gaveta do padeiro, onde a velhinha veio comprar pão. D'esta vez sinto-me tranquillo e á vontade. É que ao separar-me do usurario eu não me comprehendia, e agora entendendo a minha missão, e abençoô até os horrosos transes porque passei!



XI

o estudante e o bicho de seda

De Luiz Ratisbonne

AO MEU AMIGUINHO LUIZ BANDEIRA DE GOUVÊA PINTO

Borboleta, és feliz! podes voar, voar!
(dizia um estudante) e eu que triste sorte!
sempre a escrever, a ler, sem poder descansar.
Maldita escola! Oh Deus! mais me valêra a morte!
Vendo um bicho de seda, inda exclamou: Pateta!
Como podes fiar tua propria prisão?
O verme respondeu: «Trabalho com amor,
que d'esta escuridão,
depois de immensa lucta, hei-de ser vencedor
e sahir borboleta!

XII

O bem

De Luiz Ratisbonne

A MEU PRIMINHO E AFILHADO AUGUSTO DA SILVA CASTRO

Ião tres amiguinhos, tres creanças,
a caminho da escola. Um d'elles disse:
—Se eu estudar bastante o meu paesinho
prometteu-me uma libra. Que festanças farei!
—Pois eu, responde com meiguice
o segundo: ficando bem quietinho
dá-me um beijo a mamã.

Diz um terceiro:

—Eu orphão sou, não tenho um seio amigo,
nem pae, nem mãe, nem tecto hospitaleiro.
Quero estudar sem outra recompensa,
que o prazer de ser bom. Ah! se o consigo?...
Fazer bem pelo bem, virtude immensa!

XIII

O gago

Ia-se pondo o sol. Pelas largas janellas sem corinas entravam a brilhante claridade vermelha do radioso astro e o perfume penetrante dos festões de rosas chá.

Recostado nos joelhos da mãe o pequeno e loiro Ernesto ouvia embevecido umas historias de princezas encantadas, quando na porta do terraço se destacou o grande vulto sombrio de um visinho pobre, que ia offerecer á venda umas aves.

O infeliz era gago, e foi com immensa difficuldade que disse :

—Minha senhora... sou muito pobre... vim pedir-lhe que me socorra, comprando-me estas perdizes...

De tal modo gaguejou elle estas palavras, que

Ernesto admirado desatou uma gargalhada argentina e fresca.

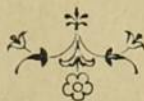
—Oh! que cousa feia! um homem fallando tão mal, que vergonha!

—Cala-te, meu filho! não sejas máu. . . deves ter pena e não rir. Isso é um defeito da natureza, uma infelicidade, a que qualquer de nós está sujeito. Ouve-o com caridade. . . respeita a desgraça, meu anjo.

Voltando-se para o velho mandou-o a senhora continuar, mas o pobre homem envergonhado sentia cada vez mais tardia a falla e não pôde articular um som. Por fim fez um esforço e a muito custo balbuciou:— não posso! Saltaram-lhe as lagrimas e Ernesto então commovido correu para elle e, estendendo-lhe os bracinhos, murmurou com meiguice:

—Perdôe-me!

Bemdito seja aquelle, que repara o mal, que fez, pois ficae certos meninos, que em vez de humilhar-se, eleva-se, quem pede perdão para lavar a consciencia de uma culpa!



XIV

● **anginho**

AO MEU PRIMINHO MANOEL DA MOTTA CARDOSO

Vestiram-n'a de branco como a neve,
e cobriram-lhe o corpo feiticeiro
com um veu de gaze transparente e leve.

Sobre as rendas do fôfo travesseiro
espalharam-se os seus cabellos d'ouro!
Parecia dormir, e que fagueiro,

um sonho a visitava. Ouvia o côro
dos anjos seus irmãos no Paraizo,
a chamal-a ; quem sabe ? Que thesouro

de amor prometteria aquelle riso,
que em seus labios ficára ? Que alvorada
contemplaria ? Alberto, com juizo,

andava em volta a olhal-a—Estás calada
há tanto tempo, Lena ! Vaes-te embora
para o ceu, minha irmã ? Estás cansada

de brincar só commigo ? E quem agora
me fará companhia ? Se eu pudesse
ir contigo, irmãsinha!—Oh Deus! implora

a pobre mãe, oh Deus ! se elle morresse,
o que me restaria n'este mundo ?

Não o escutes, Senhor ! Filho, anoitece,

vem dormir nos meus braços : tão profundo
é teu amor por mim que me deixavas ?

—Oh não, mamã, perdôa ; bem do fundo

do coração te adoro. Tu amavas
tanto Lena também, e a morte veio,
deixando-a fria e pallida ; choravas,

apertando-a com força contra o seio,
e o Pae do Ceu não quiz ouvir teu pranto.
Agora, dize, mãe, quem ha de, em meio

da noite, ir socegar a Lena, enquanto
eu te espero a tremer, cheio de medo ?
Quem a leva ao pomar, ouvir o canto

do triste sabiá ? quem, logo cedo,
vae beijal-a ? quem ha de, coitadinha,
ser mãe de minha irmã ?! Dize, em segredo,

o que a espera no ceu ? Vae tão sosinha,
e eu tenho tanto dó, tanta saudade !
—Helena, a minha angelica filhinha,

(forças, meu Deus!) entrou na Eternidade,
levada pelos anjos, que, voando,
espargiam jasmims. A Caridade

ia a seu lado, uns cantos entoando
de suavissima e placida harmonia,
e uma estrella sem par ia guiando

o cortejo de um anjo, que subia
entre lumes, cantares e fulgores . . .

—Mas lá não terá mãe!—Oh! sim, Maria,

a mãe de Deus, dos bons e peccadores,
a que, em meio á procella, ouve o vagido
da infancia desvallida e calma as dores.
Lena tem melhor mãe.

—Melhor?! Duvido.



XV

Os morangos

Maria era uma brutinha, filha de um jardineiro. Teria os seus oito annos e passava o dia a ouvir reprehensões, porque o pae não lhe consentia tocar nos canteiros, vedando-lhe as plantas todas; e ella, como creança, coitadinha, sentia tentações gulosas ao ver os pecegueiros vergados ao peso da fructa, já amarella, carnuda, appetitosa. . . ao ver os cachos de uvas, negras, vidradas, pendentes d'entre a folhagem de um verde claro e macio da pequena parreira, e os grupos doirados das ameixas, e as maçãs vermelhas e lustrosas. . . E tinha de olhar de longe para tudo aquillo, que lhe fazia crescer agua na bocca, porque o pomar não era grande, e o patrão, conforme afiançava o jardineiro, contava até. . . as amoras!

Assim ia vivendo Maria, resignando-se a comer unicamente a fructa abandonada por incapaz de apparecer na meza do dono, ou por ter dado abrigo a algum bichinho importuno, ou por ter cahido no chão, batida pelo vento ou pela chuva durante a noite, o que fazia com que Maria não temesse e até desejasse as tempestades.

Mas houve um tempo de prolongada calma. As noites eram tépidas, claras; nem a mais leve aragem agitava a ramaria espessa; os dias quentes, sazoadores de quanta fructa houvesse; as manhãs esplendidas. . .

Ai! foi n'uma manhã que a pobre Maria se ia perdendo, levada pelo peccado da gula! . . .

Andava ella pelo pomar, vendo o pae colher morangos a mandado do patrão, que ali estava em pé, como um policia, o maldicto do homem! Ella tinha-lhe medo, um medo de fazer tremer; por isso quando elle lhe disse:—Anda pequena, ajuda teu pae—ella curvou-se immediatamente e com as suas mãosinhas trigueiras ia afastando a folhagem orvalhada e fresca para colher os morangos, vermelhos como os seus labios, humidos como os seus olhos. D'esta vez, pensava ella consigo, eu como um morango, novo, bem madurinho e gostoso. . . e dava estalinhos com a lingua e lambia os beiços.

Cuidava ella que o patrão recompensaria o seu trabalho. Pois sim! olha quem! Elle sentára-se perto, mandára vir um prato e entretinha-

se em armar em pyramide os morangos, que tanto ella como o pae colhiam. Pouco a pouco foi perdendo a esperanza; tacteava a folhagem e ao pousar os deditos n'uma das fructinhas cubicadas, engolia em secco e piscava os olhos. Quando viu que de todo era loucura esperar a caridade d'esse senhor tão mesquinho, passou, como gato por brazas, as mãos por um morango maduro, cobriu-o mais com as folhas para que não fosse visto e levantando se poz-se a pensar de que modo poderia, durante o dia, vir buscal-o.

O patrão armára a pyramide, mas de repente disse ao jardineiro:—Homem, veja lá se me arranja mais um para arrematar isto aqui em cima. O jardineiro esquadrinhou, mas qual! d'aquelle lado já não havia nada. Passou para o da filha. Maria estremeceu. D'ahi a pouco o velho levantava-se triumphante—tinha apanhado o ultimo morango, e que bello que este era! Maria viu-o passar para as mãos do patrão, pensando consigo:

—Que desaforo! rouba-me a minha fructa.

Momentos depois estava sosinha n'aquelle logar.

O amo mandára o prato para dentro e sahira para a rua; o pae fôra regar umas roseiras do lado opposto áquelle.

Maria caminhou: subia audaz os dois degraus do terraço, sombriado por um toldo riscado, e

penetrou n'uma bella sala de jantar cheia de aparadores, porcelanas finas e umas estatuas alegres de terra cota; mas o que lhe importavam a ella as estatuas coroadas e risonhas, e as begonias dos grandes vasos com figuras em relevo, e as porcelanas finas? Ella entrára atraz dos morangos, que alli estavam sobre a meza, ao alcance da mão, que lhe sorriam e que a tentavam! Maria olhou á roda: a casa estava silenciosa. . . estendeu o braço com precaução e, delicadamente, poz a mão sobre o prato; tirou o *seu* morango, comeu-o todo de uma vez. . . Que delicia! De novo estendeu a mão, mas, sentindo um leve rumor, retirou-a com precipitação; os morangos então desabaram, espalharam-se pela mesa e pelo chão, como um colar de coraes, a que uma creança caprichosa tivesse arrebetado o fio.

Maria, tremula, olhou para traz e viu a filha mais velha do amo, Lucia, menina franzina, delicada como um botão de rosa, pallida como um raio da lua

A infeliz Maria vio-se perdida, sentio-se córada de vergonha. Lucia ia a fallar, quando entrou sua mãe, uma senhora severa, com um lindo roupão de cauda todo enfeitado de rendas. . .

—Que é isso?! inquiriu ella, franzindo as sobancelhas, e fixando Maria.

—Quem ousou tocar nos meus morangos? tu?!

—Fui eu, minha mãe; respondeu a vozinha doce de Lucia; perdoe-me, sim? E, fazendo

uma momice graciosa, deu-lhe dois beijos nas mãos.

—Perdôo-te; mas olha que o que tu fizeste não é bonito.

.....

Por muito tempo Lucia repartiu com Maria o seu quinhão de fructas; mas agora, que ella já não tem pomar, nem jardim, pois que seu pae fallio e tudo entregou aos credores, é Maria quem lhe leva na estação das fructas, hoje que o velho jardineiro é possuidor de uma pequena propriedade, lindas pyramides de morangos, vermelhos como os seus labios, doces como os seus amores.



XVI

As flores amam

Á MINHA PRIMINHA BEATRIZ MOTTA

Sabes o que me disse o primo Augusto um dia?
Que tinha vida a planta e amava como nós.
Que absurdo, Rachel, não? Que graça não teria
uma rosa a seismar, ouvindo a meiga voz
do branco bogarim,

Assim :

—Rosa tu que és rainha, attende por piedade
ao teu cantor fiel, amante sem igual. . .
E o roxo amor perfeito, á espera que a saudade
lhe acene docemente e o chame?! Então, que tal?
ai, que carapetão!
Pois não?

—Não conversam assim, as flores, Angelina,
mas respiram e vivem, amam-se talvez;
se lhes falta alimento, ou agua crystalina,
definham, vão murchando, e morrem d'uma vez.

—E o que lhes muda a côr?

—O amôr.—

Vou contar-te uma historia. Um dia uma violeta
amou o sol ardente a mais não poder ser.
Quando se erguia o amado, ella modesta, inquieta
entre as folhas ficava, e elle sem a ver. . .

Orgulhoso, veloz!—

—Que atroz!—

Uma tarde calmosa, o velho jardineiro
notou que a pobresinha ia perdendo o olôr,
quiz logo transplantal-a e sob um jasmineiro
a violeta abrigou, dizendo:—Era calor!

A flôr não vendo o ceu,
morreu! . . .

Já ves que sente a planta, e soffre sem queixume;
respira, mata a sede e pede affecto e luz;
penetrante ou suave, o celico perfume
immensa desventura ou grato amôr traduz.

—Oh! quanto eu sou cruel!

Rachei!

Esqueço muita vez sem agua e sem cuidado
a minha predilecta, a flôr do resedá;
talvez a pobre flôr tenha por mim chorado
julgando-me sem alma, indifferente, e má.
Coitadinha da flôr,
que dôr !

Vou o seu vaso encher de terra fresca e nova,
expôl-a ao ar da noite e ao rócio da manhã;
ella ha de agradecer-me e perfumar-me a alcova.
—Aprendes a ser mãe, minha pequena irmã,
e abençóa-te Deus
dos ceus !



XVII

Biographia de uma aranha

Nasceu no campo entre umas folhas de piteira, agudas como espadas.

Não foi inscripta em registro algum. Nenhuma formalidade lhe foi exigida. O caso é que nasceu e que vivia. Cresceu mostrando-se sempre digna da sua especie. Era diligente e activa. Lembrou-se um dia de ir para o casarão de um velho cura, onde, n'um recanto da dispensa sombria e humida, teceu o fio n'uma lida tão ardua, que faria dó a qualquer, que a visse!

Estendeu de parede a parede as linhas prateadas, finas, tenues como o mais tenue fio da mais fina seda; depois cuidadosa, scélere foi de circulo em circulo sobre aquellas, tecendo novas linhas no mais perfeito calculo geometrico.

Estabeleceu-se então feliz, alli, entre os raios da roda que fizera.

Fôra insano o trabalho; mas, quanto mais custosa é de obter-se mais se gosa a tranquillidade.

Depois de tantos esforços. vivia ali socegada, quando a irmã do padre, um dia, zelosa pelo aceio, deitou-lhe a casa a baixo. A aranha estremecendo fugio. Quebrou-se a teia. Tudo desapareceu.

No outro dia, lá volta a aranha pertinaz, e no mesmo canto, d'onde desabára na vespera a sua felicidade, recomeça cheia de paciencia nova teia.

Desenrola uns fios longos; finos, corta-os em circulos successivos taes e quaes como os da casa destruida.

Mas ai! as mesmas mãos voltam a derrubar-lhe a nova habitação!

Não se desalentou a pobre aranha; na lucta pela vida continuou sempre a trabalhar, até que uma occasião vio morrer esmagado pela irmã do cura, o seu unico filho!

Ficou-se então no alto esmorecida, quieta; e ou fosse desgosto, ou idade, é certo que de lá só desceu morta, torcida, encarquilhada, toda envolta nos fios por ella mesmo tecidos!

Não teve pompas, não teve funeraes, mas tambem ella, o insecto repugnante e venenoso, cahio, como as pétalas da rosa, que ninguem teve animo de cortar da haste!

XVIII

Amor supremo

De Luiz de Ratisbonne

À MINHA AMIGUINHA NOEMIA C. FERREIRA

Todas tres me adoraes, mas porque me adoraes ?

—Eu, porque ninguem mais
do que tu me acarinha,
realisa os meus desejos,
com bonecas e beijos.

Muito bem. É um amôr, querida Luizinha,
como ha muitos, bem sei, feito de gratidão
e de interesse. Assim, provas não ser ingrata
e ter bom coração.

E tu, minha formosa e travêssa Renata,
porque dizes amar-me ?

—Porque ninguem é bom como tu n'este mundo.

—Firma-se na virtude esse affecto profundo.

Admiravel ! Agora é tua vez, Leonor.

—Eu amo-te, porque . . . eu amo-te . . . talvez...

Sinto que te amo, sim, mas... não posso explicar-me;
é mais forte do que eu, não sei porque, bem vês.

Dá-me um beijo, anjo lindo. Eis o supremo amor!

XIX

O retrato da avó

A VALENTIM DE MAGALHÃES JUNIOR

O pequeno Heitor, lindo como os amores, alegre como um gorgeio, lembrou-se um dia de uma aventura galante. Tinha elle então tres annos. Estava só, completamente só. A mãe no interior da casa dava ordens a uma criada nova.

Em fraldinha de camisa, com os mimosos pés assetinados nus, e os cabellos soltos, vio pela fresta da porta do quarto o violoncello encostado n'uma parede da sala.

Que tentação! Poderia livremente tocar, tanger aquellas cordas, tirando uns sons melódiosos, que fariam chorar de commoção a mãe e receber por isso beijos, applausos e doces!

Feita esta hypothese não hesitou mais o meu querido Heitor. Vio-se no grande espelho do guarda vestidos e pensou:

Que era indecente o ir tocar descalço. . . lá isso era! Oh! mas alli estavam as botas do pae!

Excellent! e Heitor calçou-as. Depois reflectio, e bem, que não estava completo; poz então no narizinho uns oculos escuros e na cabeça um grande chapéu alto.

La se foi o nosso heroe aos trambulhões até ao instrumento, que, impassivel, mudo, parecia esperal-o.

Esphyngé curiosa!

Heitor estendeu a mãosinha gorda e branca para o arco, olhou triumphante para o retrato da avó, unica espectadora, e deu começo á symphonia. Principiou mansamente, depois foi num *crescendo* orchestral, wagneriano, atordoador, impossivel!

Com os olhos fechados apertadamente, movia o corpo enthusiasmado, gritando na sua meia lingua:— Muito bem!

Alvorçada com a bulha, a mãe correu á sala, e, ao ver aquelle figurão gracioso só se lembrou de uma cousa: da zanga do marido ao encontrar desafinado o violoncello.

Cega pelo desespero, correu para o filho tencionando punil-o.

Vendo-a, a criança assustada apontou para o retrato da avó, desculpando-se assim:

—Vovó pedio!

A boa senhora então commovida, contemplou o retrato da mãe e achou-o tão meigo, tão cheio de candida expressão, que parecia mesmo dizer-lhe:—Perdôa-lhe! Eu estava a gostar de ouvil-o.

XX

O ninho da toutinegra

A MINHA PRIMINHA ANGELINA VIEIRA

Laurinha andava cansada
de correr pelo pomar,
atrás de azul e doirada
borboleta;
ficou afinal sentada
tão quieta
a travessa feiticeira!
em baixo de uma romeira
a scismar. . .
Nem podia respirar.

Talvez Laurinha quizesse
apanhar uma romã
e meditando escolhesse
caladinha
a que mais lhe appetecesse.
Ó Laurinha!

Não hesites, colhe aquella,
a mais vermelha e mais bella,
 que ámanhã
colhe-a talvez a mamã.

Laurinha nem se movia,
olhava com fixidez
para o mais alto raminho
 e pensava:
Como é lindo aquelle ninho !
 Gorgeiava
bem perto uma toutinegra,
ave que os bósques alegre
 tanta vez !
Mãe da ninhada, talvez.

N'isto a mamã da janella:
—Laura, vem cá, minha flôr,
chegou a prima Arabella,
 quer beijar-te.
Laura diz, com voz singella :
 —Vou deixar-te,
mas não penses que te esqueço,
passarinho; se adormeço,
 sonho, amor,
com teu ninho encantador.

No mesmo ramo pousado
espera, que eu hei de vir
trazer-te o melhor bocado
 do almoço.

Em teu ninho perfumado,
que alvorôço!
Que immenso contentamento!
N'unca mais um só lamento
se ha de ouvir
não vás agora. . . fugir.

Laura subio. Noite adiante
um medonho furacão
com seu açoite cortante
pôz em terra,
o ninho. A mãe cruciante
dôr aterra;
vôa tresloucada, a esmo,
té que teve o vento mesmo
compaixão
arremessando-a ao chão.

E foi ao pé dos filhinhos
que a toutinegra morreu.
Entre-abriram os biquinhos
n'um desejo
de expirarem unidinhos
n'um só beijo,
talvez! As azas de uma ave
nos mostram quanto é suave
lá no ceu
o amor dos anjos. Correu,

Laurinha, toda contente
depois do almoço ao pomar ;
levava um bolo excellente
entre flôres !
Imaginae, vendo em frente
seus amores
inertes, inanimados,
a dôr, a magua, os cuidados,
o chorar
d'essa formosa, sem par !



Guardou o ninho, lembrança
da alegria fugitiva
da sua afeição primeira,
aquella loira creança !
e á sombra da alta romeira
ás aves deu sepultura.
Sobre essa campá cultiva
a flôr da tristeza, a escura
saudade rôxa. Saudosa,
esquece as maguas, que és rosa,
encantada jardineira !



XXI

A ingratiidão

A MARTIM

— Olha, meu queridinho, meu gentil pequenino, tiveram a barbaridade de dar o teu nome . . . aos ursos !

Sei que isso te desgosta, mas vou contar-te um facto, que se deu com um d'esses animaes, facto que faz honra ao teu homonymo.

Elle é feio e bruto como a cousa mais feia e mais bruta, que imaginar-se possa; mas não faz mal, porque é bom, e bem sabes que a verdadeira belleza não é a da forma, é a dos sentimentos.

Não ha nada no mundo que valha a bondade. Vês? Nada!

Quando fores homem, tu, que terás um bello character, pois vaes guiado pela bondosa mão do nosso santo amigo, quando fores homem, repito,

compreenderás quanta razão tem a tua amiguinha em te dizer isto :

Ser bom é ser feliz !

A's vezes a bondade parece esmagar-nos o coração n'uma agonia longa e incompreendida ; mas depois que de consolos ! que de suavidade para a nossa consciencia !

Ouve-me agora o conto, em que a bondade não tem recompensa immediata, mas que te não cansará, porque é ainda mais pequeno do que tu.

Entendeu um cigano indolente ganhar a vida á custa dos trabalhos de um pobre urso, grande e immundo.

Arrastava-o nas ruas, fazia-o dansar, mover-se servilmente á sua voz, deleitar a turba dos garotos, que se ria muito, mas que acabava quasi sempre por apredejal-o.

Uma noite deixou-se o bohemio cahir na estrada. Com a cabeça deitada nos braços entrançados, a barriga para o ar, a bocca aberta e as pernas estiradas, dormia a somno solto.

O urso contemplava-o silencioso. Na propria sombra destacava-se o seu grande vulto escuro. Elle estava alli como uma sentinella conscienciosa e firme.

Ouvindo o rumor surdo da vegetação, respirando o acre aroma das plantas, sentia saudades infinitas do seu tempo de outr'ora, e lembrava-se talvez o bruto, do dia em que esse, que

ahi dormia a seus pés, o arrancára do seu paiz, rasgando-lhe as carnes nos mais rudes tratos ! E continuava a velar o somno do seu algoz, de quem podia livrar-se, readquirindo de um instante para o outro a felicidade perdida . . . Sim, elle voltaria ás grutas sombrias, sem penas nem cuidados, dormiria as séstas sob as arvores nodósas, cheias de ninhos e de flôres, rolaria pelos gramados das suas bellas planicies, constituiria uma familia sua, zelando ao redor do rochedo os filhos, que lá dentro sorvessem sequiosos o leite materno . . .

Pensava em tudo isso, e quedou-se immovel, absorto ao pé do dono, que, ao acordar, já ao romper da aurora, bateu-lhe, porque elle, o maldito, arrebetára a corda, que o prendia !

A's dores da pancada, o pobre urso, fixando no bohemio um olhar vazio de expressão, disse comsigo :

O mais ingrato dos animaes é com certeza o homem.



XXII

O ramo verde

A MEU PRIMINHO HERACLITO LUDOVICE

Frederico era estouvado,
não accitava conselhos;
ria e zombava, coitado !
das sabias lições dos velhos.

Sophia, meiga criança,
era o contraste perfeito
do irmão, uma pomba mansa
sem o mais leve defeito.

Dera o papá aos pequenos
dois canteiros bem plantados,
em tudo iguaes; mas em menos
de um mez estavam mudados.

O de Sophia, que encantos !
tinha fartura de rosas,
cravos, baunilha, agapanthos,
e violetas perfumosas.

No outro havia mamona,
urzes, trifolios, ortigas
e uns restos de mangerona
já roida das formigas.

Foram á tarde a passeio
ao jardim os dous ; Sophia
colhia rosas; em meio
disse ao irmão:— « Que alegria

é dar á mamã um ramo
das minhas amadas flôres !
a sua alcova embalsamo
e alcanço beijos, e amores !

—Das-me esta rosa encarnada,
Sophia, p'ra o seu cabelo ?
—Dou, mas não levas mais nada.
Corrige o teu desmasello.

Trabalha, meu preguiçoso !
Diz o papá que só perde
pão e honra o ocioso.
Se pões pé em ramo verde,

ficarás sem ter emenda !

—Tens graça, linda agoireira;
vaes vêr, minha doce prenda,
se a sentença é verdadeira. •

Disse, e subiu apressado
a verde acacia frondosa,
e lá, de um ramo delgado,
gritou á irmã receosa :

—Não vês o ramo . . . sensata ?
o pisal-o não me atterra . . .
Mal acabava a bravata,
partiu-se o ramo, eil-o em terra.

Na queda quebrou um braço,
Sophia teve um fanico . . .
Mas . . . deixou de ser madraço
o pequeno Frederico.



XXIII

Mimi ou a cabrinha cinzenta

N'uma aldeia solitaria, entre montanhas, vivia n'um casebre arruinado e tosco uma familia pobre. O homem lidava no campo, a mulher acompanhava-o na faina deixando em casa a amamentar o filhinho uma cabra cinzenta, que era o seu descanso e toda a sua fortuna.

O menino crescia gordo, nédio, bem tratado; a cabrinha, a bôa cabrinha, que dava pelo nome de Mimi, acariciava-o, tinha para elle todos os desvellos! Passou a primavera, passou o verão, passou o outomno, chegou emfim o inverno. Os campos não davam sustento; veio o tempo da cruel necessidade!

Os pobres trabalhadores voltaram para debaixo das telhas do seu casebre, por onde entrava o frio gemendo n'uns soluços, que lhes feriam

dolorosamente o coração. O inverno era longo e asperrimo, e faltava-lhes tudo! Veio um dia então, em que nada encontraram para comer. O filhinho pouco mamava já, a mãe sentia-se febril. O pae, desesperado, não tinha recursos para acudir á esposa e pensava na sua triste sorte, quando vio a cabrinha adormecida a um canto. Teve uma ideia—vendel-a!

Leval-a-hia a uma feira e trocal-a-hia pelo sustento de alguns dias.

Amarrou pois uma corda ao pescoço de Mimi, que o olhava melancolica como se lhe perguntasse:

—O que vaes fazer da ama de teu filho?!

Arrastou-a á força d'alli, subiu e desceu montanhas, chegou por fim á villa onde a vendeu a um rico lavrador. Voltou: a mulher melhorára e andava louca á procura do esposo e do animal. Contou-lhe o marido tudo que fizera, ouvindo-o, a infeliz angustiada olhava compassiva para o filhinho adormecido. Ia se approximando a hora, em que elle costumava ter a sua ceia, por isso moveu-se, chorou, chorou baixinho á espera da sua Mimi; acudio a mãe, mas o pequeno então chorou mais, e mais, e mais! Nada havia que o consolasse. Nada! O pae, afflicto, cheio de remorsos, arrepelava-se; a mãe em vão tentava socegal-o! O pequeno enrouquecia pelo excesso do choro. O vento soluçava entrando pelas fendas das paredes rusticas. Subitamente

viram ao longe um balido queixoso, momentos depois raspavam, batiam afflictivamente á porta, que o aldeão correu a abrir de par em par. Arfando de canção a bôa Mimi entrou correndo para o menino, a quem entregou a teta cheia de leite!

Coitadinha! afrontára todos os perigos, fugira do redil do novo dono para a cabana onde a chamava a voz dos seus amores!

No outro dia, logo de manhã cedo, foi o aldeão á villa entregar o que recebera na vespera pela cabrinha cinzenta.

O lavrador escutou-lhe a historia. Vio-lhe brilhar nos olhos o arrependimento e, commovido, estendeu-lhe a mão, pedindo-lhe para ser padrinho da criança, a quem enviou com a benção, uma bolsa de dinheiro.

Agora a bella Mimi, vive tranquillã ao pé do seu filhinho.



XXIV

Ariel

A MEU AMIGUINHO TIM TIM (VALENTIM MAGALHÃES)

Lucia tinha um cãosinho gracioso,
um galgo tão bonito,
negro como o azeviche e tão nervozo,
que parecia electrico.

Pedrito

tinha uma bella espada
e um ar de *mata-mouros*.
Tinha olhos azues cabellos louros.

Eram gemeos, mas Lucia delicada,
a uma flôr de estufa semelhante,
parecia mais nova e mais franzina:
Devia ser assim, se era menina!
Pedrito sempre armado, ia arrogante
desafiando a todos, ceus e terra,
e ninguem respondia á voz de guerra.
Só o galgo, Ariel, n'uma surdina,
rosnava ao avistar a barretina,
do indomito guerreiro;
e o *nosso general*, brioso em tudo,

obrigava o cãesinho a ficar mudo
com um golpe certo
da espada sobre o lombo lúcido.
Lucia chorava e o *meigo Trinca-fio*
implorava o perdão dizendo:—E esta!
não querem ver a Lucia, que eu adoro,
a lastimar um cão, que me detesta!
Se choras mais ó Lucia, eu também choro!
Uma tarde Ariel não apparece,
roubaram-n'ó talvez, Lucia enlouquece,
falla em morrer, tem febre e nem os beijos
dos paes, nem as caricias e gracejos
do padrinho, que é medico, alcançaram
que ella sorrisse.

Pedro, assim que entraram
para o quarto da irmã, silencioso
tomou o cinto, a barretina, a espada,
e sahiu sem ser visto; entrou medroso
n'um bazar e vendeu por quasi nada
toda a sua ventura.

Então voltou a casa alegremente,
chegou-se á pobre Lucia, consternada,
beijou-lhe a fronte pura . . .
e pousou sobre a cama alvinitente
o preço do seu bem, e commovido
murmurou:—Não perdeste, anjo querido,
o teu negro Ariel, eu vou ligeiro
em busca do cãesinho, que amas tanto.
Achal-o-hei, bem vês, temos dinheiro.
—Ó fraternal amor, és bello és santo!

XXV

● **correio**

Quando eu a vi pela primeira vez, ella era uma criança, branca como as pennas das garças e loira como os raios do sol.

Estou a vel-a. Meu espirito vae buscal-a áquelle tempo do passado e mostra-m'a tal e qual.

Era uma borboletinha alegremente louca; corria por entre as plantas do jardim colhendo aqui e alli folhas para preparar um bercinho á sua nê-nê, que n'elle ficava atufada em rendas, com os olhos fixos para a maior claridade, sempre com o mesmo sorriso e a mesma paz no rostinho redondo e corado, como uma verdadeira imagem!

Parece-me ouvir ainda o echo das sumptuosas festas, que ella fazia no seu palacio, um dos mais bellos canteiros do jardim. A alcatifa era esmeraldina, flacida e fresca; as paredes adorna-

das de perolas, os jasmims; e de coralinas, as begonias; pelo chão alguma fada bôa espalhara do seu cofre encantado myriades de amethystas, as violetas; e de brilhantes, o orvalho; por lustre tinha simplesmente o sol e por abobada, o infinito.

Nem o palacio podia ser mais grandioso, nem a dona mais pequena.

Mas aquella pequenez era tão cheia de bellezas e de encantos!

Ia tão longe o olhar d'aquelles olhos ingenuos, eram tão doces as caricias d'aquellas mãos redondinhas, que se tinha vontade de aninhar um beijo em cada uma das covinhas, que lhe marcavam os dedos.

As amigas, eram muitas e amavam-n'a loucamente.

Um dia dava-lhes ella um baile, em que se dançavam desde as mais cerimoniaosas quadrilhas até ao mais alegre e ruidoso cotilhão.

As mamãs levavam as suas filhinhas e divertiam-se muito.

Outro dia organisava um concerto, em que tomavam todas parte, formando córos acompanhadas por uma orchestra de passarinhos escondidos na ramada; outras vezes improvisava saráus litterarios, em que se recitavam monólogos e dialogos, comicos, tragicos, phantasticos, impossiveis; finalmente, dava banquetes, em que a originalidade ia ao ponto de servirem-se confeitos

em petalas de rosa e licor em calices de açucenas!

Ai, quantas phantasias serviam sempre n'aquella cabecinha de creança!

Da sua imaginação scintilante cahiam as ideias bonitas como se fossem perolas d'um rosario, a que por capricho desatassem o fio.

De tudo havia na sua sociedade, viva e innocente, e tudo era previsto, arranjado, feito por ella n'aquelle pequeno mundo!

O dia em que eu a vi pela primeira vez, foi uma manhã de maio, manhã azul e transparente como a sua alma infantil.

Eu era portadora de uma boneca, que lhe mandavam, mas, antes de entregar-lh'a, estive occulta por detraz de uns arbustos vendo-a brincar.

Bem em frente do meu esconderijo estava a estação do correio, porque ella entretinha uma grande correspondencia com as suas amigas. O edificio era um pé de murta, em cujos galhos atavam os bilhetinhos.

A's vezes parecia ver-se alli um bando de borboletas multicores descansando d'uma immigração longinqua, outras a viração fazia-as ondular, como se adejassem febris sem desprenderem para longe o vôo, e ficavam tremulas até que viessem umas mãosinhas travêssas cortar-lhes o retroz.

N'esse dia, porém, em vez de atar ao arbusto

uma das suas cartas pendurou-a ao pescoço de uma pombinha branca, segredou-lhe qualquer cousa, beijou-lhe a cabecinha e deixou-a partir. A ave, livre, elevou-se no ar, e em seu vôo liso e calmo, atravessando o espaço, desprendeu de si a delicada mensagem, o bilhetinho azul, que, por um acaso caprichoso e feliz, veio cair junto a mim.

Levantei-o e abri-o. Não foi uma indiscrição e sim uma curiosidade. Com algum trabalho pude decifrar as adoráveis garatujas, que diziam assim :

Meu querido Pae do Ceu

Vivo triste porque todas as minhas bonecas estão quebradas e a mamã já me disse que me não dá mais nenhuma !

A Lucia não tem braços, a Mathilde não tem olhos, e Anninha já não tem cabelleira! Como o Pae do ceu é bom, espero que me mande hoje sem falta uma filhinha nova. Vou preparar-lhe um bercinho.

Adeus, queira receber muitas lembranças da sua amiga.

Néné.

A carta tinha destino mais elevado, por isso ella mudara de correio.

Vi-a ainda por algum tempo no jardim. Quando se retirou, alguém veio por entre os macissos de verdura e deitou no bercinho, que ella deixára preparado, uma gentil e loira boneca. No peito levava um bilhetinho azul, em que o bom Pae do ceu mandava um beijo e a benção á mãe d'aquella filha!



XXVI

Deus

De Luiz Ratisbonne

A MEU AMIGUINHO BRAZ CLEMENTE PINTO

Deus não tem corpo, filho, essencia pura
não tem pernas, nem mãos, rosto ou cintura.

—Mas ao menos tem bocca?

—Tambem não.

—E que côr tem?

—Nem preta, nem rosada;
não se pode medir, nem mesmo vêr;
não é homem, emfim.

—Ah! é mulher.

—Não, filho. é um espirito sómente...

Comprehendeste-me agora?

—Certamente,
mamã, Deus não é nada.

Simples balbuciar da sciencia omnipotente!
Mais tarde saberás, philosopho innocente!

Pouco philosophar afasta-nos dos Ceus,
Muito, mostra-nos Deus!

XXVII

A borboleta

De Luiz Ratisbonne

AO MEU PRIMINHO JOÃO CARLOS

—Oh! que gentil borboleta!
Azul, escarlate e rosa!
Diz o pequeno Arthur. Se ella ficasse quieta! . . .
Hei de apanhal-a!

Logo em lucta furiosa,
sem respirar, correndo atraz da flor alada,
consegue aprisional-a. Ia gritar: Victoria!
quando vio que matara a linda malfadada.
Então, da lucta ingloria
cançado, eil-o a chorar;
Até que seu papá o poudo consolar.

Chamava-se Ventura
a iriada borboleta.
Correm-lhe após: inquieta
vôa da terra ao ceu,
brilhante, aérea, pura . . .
Alcançam-na:—Morreu! . . .

XXVIII

A rosa

Luiz entretinha-se no jardim a desfolhar uma rosa purpurina, quando chegou Alice.

—Que é isso, Luiz, desfolhas uma flôr tão bonita, tão fresca, tão nova, que nos enfeitava o jardim! pobre roseira! vê como fica triste, só tem folhas. . . máu!

O pequenito envergonhado olhava para a irmã com os olhos muito abertos, depois, tomando uma resolução, respondeu:

—Não faz mal, amanhã nasce outra.

—Mas quanto mais melhor. És então da opinião de que eu podia ter morrido desde que tu havias de nascer?

—Isso não! Se tu não vivesses, o que seria de mim? e coitadinha da mamã como havia de chorar! Lembro-me bem de quando morreu o filho da vizinha os gritos que ella dava!

—Está ahí; pois é assim, meu amor. As mães por terem muitos filhos não deixam de sentir a morte de um d'elles.

—Mas, Alice, a roseira não é gente, não sofre, nem chora . . .

—Enganas-te; as plantas sentem, vivem e morrem como nós. Não comprehendem a nossa linguagem, mas dão-nos a sua, que é o aroma, que nos deleita. Precisam dos carinhos da réga, da póda, da cultura, emfim, assim como nós precisamos dos mimos maternas. Aprende, meu Luiz, que não se deve desfolhar uma flôr; faze por conserval-as, nunca por destruil-as.

—Alice, se é assim, para que as colhes?

—Para embellezar a nossa casa, meu amor; um ramo alegre tanto a vista! Mas eu não digo que se não apanhem flôres, o que não quero é que as inutilisem. Repára que não duram um dia só os ramos, que eu faço; mudo-lhes a agua, des-tendendo-lhes a vida tanto quanto possivel.

—E as plantas não choram esse apartamento?

—Sentem, mas teem ao mesmo tempo um certo contentamento em vel-as dar alegria aos outros . . . São como as mães quando as filhas se casam; separam-se, mas como as vêem muito amadas, consolam-se. Desfolhar, esfrangalhar uma flôr mimosa e sem desceza, é que é triste e muito feio, Luiz!

Calou-se a meiga Alice e o irmãosinho então pôz-se de joelhos ajuntando as pétalas da rosa

dissiminadas na areia; reuniu-as todas, sentou-se na grama do canteiro e tentou unil-as no calice; baldado esforço: a rosa nunca mais tornaria ao que fôra!

—Olha, Luiz, voltou de novo Alice, podias trabalhar annos e annos, que não conseguirias teu intento. Isso que te parece tão simples, reanimar esta singella flôr, é impossivel. Ha, porém, um meio de reparares o teu crime: espeta na terra humida o galho, que arrancaste e terás na primavera proxima a recompensa do teu arrependimento.

O pequeno e obediente Luiz plantou logo a roreira; por isso na primavera terá flôres, que lhe hão de alegrar a vista e a alma trazendo-lhe á lembrança o conselho da irmã:

Faze por conserval-as, nunca por destruil-as!



XXIX

● Ferrabraz

A MEU SOBRINHO VALENTIM

Tu fallas sempre em batalhas
com feras bravas, immensas !
Que enorme terror espalhas,
meu Tinsinho !

—Acaso pensas,

mãesinha, que tenho medo ?
Pois vou contar-te uma historia,
mas a ti só, que é segredo.
—Guardal-a-hei de memoria ;

conta lá.

—Eu ia andando
pelo matto, vagaroso,
quando encontrei, passeando,
um elephante horroroso.

Não me assustei, logo, logo,
corri para o elephante,
peguei n'uma pedra e . . . fogo;
Matei-o no mesmo instante.

Continuei meu caminho ;
ia muito descançado,
quando por traz do moinho
vi um jacaré parado.

Cortei um pau muito grosso
e . . . com uma só pancada,
zas . . . separei-lhe o pescoço;
ficou morto.

—Oh ! filho !

—Nada,

inda o peor não foi isto ;
veio uma serpente enorme
(a maior que tenho visto)
e eu disse á serpente:—Dorme.

Se acordares . . . —Temos obra !
—Com os meus sapatos, mãesinha,
andei por cima da cobra,
ficou esmigalhadinha.

—Que destemida creança !
Tres annos bem empregados !
És uma rolinha mansa,
que mata tigres . . . pintados.

—Tigres, leões e cabritos,
bois bravos, e bichos feios . . .

—Conheces bichos bonitos ?

—Se conheço ! Até, mostrei-os

hontem ao papá : vaquinhas,
carneiros, cavallos, gatos,
canarios, gallos, gallinhas,
papagaios, cães e patos . . .

—Do que mais gostas, aposto,
é, Tinsinho, do carneiro.

—Pois não é, do que mais gosto . . .

É . . . do bicho carpinteiro !



XXX

A esmola

A MEU SOBRINHO HOMERO

Carlinhos ia todo tãful n'aquelle domingo á missa. A sua cabecinha loira, encaracolada, redonda como a de um pagem de opera, mal coberta por um gorro de velludo azul escuro, movia-se garbosamente de um lado para o outro. Levava as mãos nos bolsos, o riso nos labios, a alegria no olhar.

O frio começava. Havia pouca gente na rua, apesar de ser dia santificado.

Carlinhos entristecia-se com isso; queria que muita gente lhe notasse o traje; desejava ardentemente que lhe chamassem lindo; era vaidoso, o pequeno, e, coitadinho, tinha só seis annos.

—Tia Laura; dizia elle a uma senhora, que o acompanhava: em vez de irmos á missa, vamos fazer visitas para mostrar o meu vestido novo.

—Iremos depois, filho; descança.

Na igreja havia poucas devotas. As beatas tinham preferido a missa das oito, e a essa, a das dez, não tinham concorrido, como de costume, as senhoras da aristocracia, que a essa hora dormiam, descançando de um baile da vespera.

Isto de terras pequenas é assim.

Os passos da tia e do sobrinho resoavam por toda a igreja quasi vasia; aqui e alli umas mulheres de mantilha, todas curvadas, constrictas, entregavam-se no seu incognito aos extases religiosos... observando o que se passava em redor. A capella estava sombria. Um ar gelido, de infundir tristezas, descia do alto tecto amarelado, e punha tremuras angustiosas no coração de Carlinhos.

Ouvio elle impaciente a missa toda, e deu um grande suspiro de alivio quando um geral borborinho lhe annunciou o fim do sacrificio.

A tia ergueu-se, deu-lhe a mão, e sahiram.

Fóra jorrava o sol a grande vida de calor e de luz; as arvores de um verde brilhante luziam como esmeraldas; o povo começava a mover-se na rua. N'uma esquina tocavam duas creanças pobres, um pequeno e uma menina, ambos descalços, pernas nuas, arroxeadas pelo frio, cobertos com uns farrapos quasi inuteis.

A menina abria muito a bocca cantando uns versos, enquanto a mão lhe tremia com o arco

da rabeça ; o menino pendia a cabeça triste para a harpa, onde modulava uns desafinados e incompreendidos queixumes.

Carlinhos foi atrahido até ao grupo e parou. Abriu os olhos muito curioso para esse quadro vulgar. Aquellas creaturinhas, que alli estavam a tremer, semi-nuas, tentando divertir o publico, para que elle depois lhes atirasse uma moeda de cobre, n'uma compaixão mixta de escarneo ; aquellas creaturinhas eram pouco mais velhas do que elle!

Perto, junto aos humbraes vermelhos de uma loja de barbeiro, conversavam rindo alguns rapazes, ao verem os esforços da rabequista cantando um lá, que, desgraçadamente, tinha de repetir muitas vezes na canção.

—Olha como lhe incham as veias do pescoço ; dizia um.

—Ha quantos dias não comerá aquella pequena para chegar a este estado? accrescentava um outro.

—Pancada, leva todos os dias, concluiu um terceiro ; são meus visinhos . . .

—Teem paes ?

—Qual ! morreram ambos de febre amarella no Rio. Um napolitano, que alli estava, *condoeu-se* dos desamparados patricios e trouxe-os para a provincia, e agora fal-os ganhar a vida d'este modo. À noite, quando se recolhem, se não levam cousa que luza . . . ai d'elles ! Ao princi-

pio choravam em altos berros, mas hoje parece-me que já estão affeitos á pancada, e nem piam.

—Ora que malandrice! exclamava, bufando de indignação um recém-chegado, apontando com a bengalinha fina para o grupo das infelizes creanças.

A menina com os seus olhos negros fitos no ceu azul, as mãos pallidas, magras, movendo-se nervosamente na execução de um alegre, inspirou a Carlinhos sentimentos bem diversos dos que tinham os elegantes da terra, que commentavam alli a sorte dos artistas da rua.

Artistas da rua! É zombeteiramente que fallamos d'elles quasi sempre, no emtanto como aprenderiam elles a tirar uns sons, embora ingratos, das harpas e dos violinos, se lhes não chorasse na alma um ideal, que é ao mesmo tempo palma de triumpho e corôa de espinhos?

Os olhos do harpista encontraram-se com os de Carlinhos e demoraram-se fitos...

Vibraram o ultimo acorde.

A menina parecia desfallecer e movia os labios roxeados, estendendo a mãosinha hirta na supplica de uma esmola...

Que ligação mysteriosa e doce teem entre si as creanças!... É que as almas dos anjos, ainda orvalhadas do ceu, reflectem-se mutuamente. Carlinhos, dentre todos os circumstantes, foi o unico que verdadeiramente comprehendeu a

grande magna d'aquelles desditosos, e, voltando-se para a tia, que conversava banalmente com uma senhora na esquina, disse com os olhos rasos d'agua e com a voz commovida:

—Tia Laura, já não quero mostrar o meu vestido novo, vamos para casa. Quero levar estes meninos commigo...

—Para que, filhinho?! perguntou a attonita senhora.

—Para dar-lhes de comer e de vestir; elles teem fome e frio, minha tia!

A tia annuiu ao pedido e Carlinhos ouviu como desejava, dizerem d'elle:

—Como é lindo!

Os pequenos artistas foram convidados por Carlinhos a irem todos os dias almoçar e jantar em sua casa, e receberam umas roupinhas agalhadoras, e uns beijos fraternaes.

.....
À noite antes de adormecer perguntou-lhe a tia:

--Então, quem gabou hoje o teu vestido novo?

—Ninguem...

—Não te chamaram lindo nenhuma vez?

—Chamaram.

—Quando?

—Quando eu trouxe commigo os pobresinhos.

—Vês, filho? é que a verdadeira belleza é

a do coração. Não te ensoberbeças com o teu luxo, que isso é miseria. Faze todo o bem que poderes aos que soffrem; a esmola, dada como tu deste, entre beijos, é mais que linda, meu amor, é santa . . .

Ao som d'estas palavras adormeceu Carlinhos com a paz da sua alma branca e pura estampada no rostinho calmo . . .



XXXI

● rubim

À MINHA AMIGUINHA JULIETA CUNHA

—Vamos querida Regina,
anda um pouco mais ligeira!

—Mamã, é que a Rosalina
'stá procurando a pulseira,
que tem rubins, e eu não posso
sahir sem ella a passeio;
deu-m'a o papá e eu receio
desgostal-o.

—Que alvoroço!

Pois tu queres mais adornos?

Já te não basta a brancura
dos braços e a graça pura
de teus suaves contornos?

Olha, meu anjo, mais brilha
que o ouro a graça. A caminho.

N'um gracioso carrinho
sentaram-se mãe e filha.

Era uma tarde encantada !
As duas como esquecidas,
olhavam embevecidas
p'ra terra em ceu transformada.

Parou o carro um instante,
Regina ergueu-se de um salto
e vio . . . (Deus que sobresalto !)
um gatinho agonisante
sobre os trilhos ! Gil, cuidado,
enxota o pobre bixinho
ou tral-o aqui, coitadinho,
que pode ser esmagado.

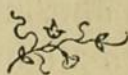
— Stá quasi a morrer, não vale
a pena salvá-lo agora ;
não pode viver uma hora . . .
— Faze que o chicote estale . . .

Não se move . . . que tormento ! . . .

Regina em plena revolta
insta, braceja . . . (Dá volta
o carro e parte). Em delirio
a creança inconsciente
atira ao gato a pulseira ! . . .

Então a mamã, contente,
beija muito a feiticeira.

Apanhou-se o bracelete
sem pedras. Ao moribundo
fez Regina um ninho ao fundo
do carro, sobre o tapete.
Cresceu o bichano e agora
chama-se Rubim; é lindo
e tem um amor infindo
a Regina, que o adora.



XXXII

● palhaço

Saltava alegremente um gafanhoto de galho em galho. Pisava aqui uma rosa, alli uma dhalia, acolá uma fuchsia, sem que por isso as magoasse, dizendo-lhes uns segredos risonhos e desempenhando maravilhosamente o papel comico de que o encarregára a natureza, brilhante directora d'esse esplendido scenario.

Saltava, pois, todo lépido e satisfeito o bom do gafanhoto, quando um menino o apanhou. O animalsinho não fizera crime algum e foi preso! Preso e amarrado com longos fios de linha, que lhe faziam doer o corpo secco e delgado. . .

O menino brincava e respondia com uma gargalhada a cada salto, que o pobre gafanhoto dava por sentir-se machucado e doente. . . Infeliz insecto! Cançado de soffrer fez um ultimo esforço para livrar-se d'aquella barbara prisão. Sim, elle livrou-se, mas lá deixou presa na linha uma

das suas pernas! . . . O menino ia de novo apanhal-o quando se sentiu agarrado pelas mãos da mãe . . .

A boa senhora com os olhos cheios de lagrimas reprehendeu-o, fazendo-lhe ver que tratar mal os animaes é muito feio e prova mau coração. O filho arrependido abraçou-a jurando que nunca mais praticaria semelhante cousa.

E o gafanhoto?

Vou, mas cansado, cahio.

Riram-se muito as rosas, as dhalias e os jasmims julgando-o a brincar. Que desastrado! mas como tem graça, e que alegria a sua!

—Eia! levanta-te, palhaço, então!?

Mas o palhaço não se levantou. Arrastou-se a custo e embrenhou-se n'um bosque de violetas, aterrorisado e agonisante. Ao verem-no chegar coixaram entre si as modestas florinhas: elleahi vem, o truão, preparemos as nossas risadas! E levantavam curiosas as cabecinhas gentis.

—D'esta vez não brinco, disse-lhes elle, a eillas, que o ouviam com interesse: venho morrer entre vós, minhas amigas!

Contou lhes a sua historia triste. Quando acabou as violetas choravam e elle então . . . expirou, mas expirou satisfeito; porque deixava quem o pranteasse. Dóe-nos fazer soffrer, mas quem não desejará ser chorado?

Ninguem . . .

.....

Meus amiguinhos, os palhaços, que vêmos nos circos, que nos fazem rir com as suas caretas parvoas, suas cambalhotas grotescas e seus ditos de um baixo comico irresistivel para a populaça ignorante das galerias, muitas vezes, como o infeliz insecto, soffrem. e a cada gargalhada que seus labios desfolham, sentem no coração uma dôr pungente. Muitas vezes tambem nós, como as flores ao insecto, os applaudimos por vel-os cahir bem, quando elles, se cahiram . . . foi por cançados!

Não ha nada mais triste do que ter por obrigação fazer rir . . .

Mas . . . o que é feito do gafanhoto? O seu cadaver lá ficou como uma folha murcha entre a ramagem fresca e perfumada do violetal.



XXXIII

Não se pede nada á meza

De Luiz Ratisbonne

AO MEU AMIGUINHO HUGO WERNECK

—Mamã, tu podes dar-me um bom bocado
de cosido, pois não?

—Meu filho, sabes bem,
que quem pedir á meza nada tem.

—Oh! não peço mais nada, estou calado.

—Pois sim, mas tira a mão
do saleiro, não posso adivinhar
para que queres sal, meu Luizinho!

—Mamã, é para a carne com toucinho,
que eu não pedi, mas sei que me vaes dar.



XXXIV

Os ingratos

De Luiz Ratisbonne

A MEU PRIMINHO E AFILHADO ARNALDO COSTA

—Mamã, dizia Edgard, as aves são crueis!
Todos os dias^{eu} lhes dou, sem me esquecer,
migalhinhas de pão.
Ellas, muito depressa, acabam de comer,
e eil-as a voar, por campos e vergeis:
Vê tu que ingratidão!

Assim as andorinhas,
louquinhas!
que, no estio, se aninham no telhado,
se chega o frio, fogem sem cuidado,
nem pena dos que ficam.

—Tens razão:

mas são aves, bem sabes: teem perdão.

Ha n'esta vida ingratos,
a quem damos amparo, amor, conselho e nome;
que vêm ao nosso lar comer em nossos pratos,
e fogem sem saudade, assim que não teem fome.

Esses, sim, são os máus; e não as andorinhas.
Ingrato é o homem, só. Enluta as nossas casas
sem que tenha, comtudo, a desculpa das azas.



XXXV

As duas fadas

A MINHA SOBRINHA ADELINA

Uma corrente de indefinivel doçura prende á velhice a infancia; como que se reflectem um no outro os dous crepusculos; o que precede o dia e o que precede a noite.

Ao lado de uma velhinha engilhada e tremula brilha quasi sempre a imagem radiosa de uma creança.

Bemdito seja Deus, que junto a tudo que ha de mais triste, poz tudo o que ha de mais bello! Por isso nos tumulos cantam rouxinoes, e desabrocham rosas, e por sobre as aguas mortas das lagôas insalubres, nascem, cheios de candidez, os brancos nenuphares.

Conheci uma velha muito feia, quasi cega e tremula, mas que atrahia as creanças, como a flor da madre-silva as abelhas. Sabia muitas his-

torias de cousas encantadas, onde brilhavam n'uma scintilação esplendorosa, rainhas cobertas de brilhantes, reis em thronos de chrystal illuminados por fócios de luz electrica; pagens louros, vestidos de setim, cantando amores sob os balcões floridos; fadas cercadas de nuvens; mulheres brancas, scismadoras, aérias, que surgiam á meia noite innundadas de luar, dos perfamosos calices das lacteas açueenas e voavam para as estrellas embalsamando o ar . . .

Era a essencia da flor divinizada!

A avósinha, como lhe chamavam todos, sabia, pois, muitas cousas, e contava-as aos netinhos, que a ouviam religiosamete.

Ás vezes o conto descahia do predilecto tom phantastico; os olhos da avósinha brilhavam mais e a voz esmorecia até ao suspirar de um ai!

Seriam saudades?

As creanças não o indagavam, contentavam-se com dizer:

—A historia hoje não foi tão bonita!

Davam lhe as boas noites e um beijo e iam-se embora.

Ella ficava então silenciosa, com a cabeça pendida e os olhos apagados. Contar historias era recordar a mocidade, directa ou indirectamente; reverdecer n'alma a gloriosa flor azul dos seus vinte annos; folhear cheia de amor, cheia de carinho, as paginas soltas de toda a sua vi-

da, penetrar em um tumulto illuminado para beijar o seu querido morto, o passado.

E é por isso que as velhas gostam de contar historias, e de inventar lendas!

Teem uma satisfação intima e egoista, de filtrarem n'alma das creancinhas o nectar das suas venturas e de vel-as chorar as suas grandes tristezas.

Uma noite a avósinha contou ás adoradas netas esta historiasinha:

—Meus amores.

Nasceram no mesmo dia duas fadas. Uma era linda, linda, a outra era feia, feia!

—Desgraçada de ti, dizia a primeira, que não és formosa, como eu! A mim dará a terra os seus mais bellos cantos, serei a suprema ventura, o supremo ideal. E tu?!

—Eu, respondeu a segunda com um sorriso angelico, embellezarei a alma d'aquelles a quem não tiveres embellezado o rosto. Lembrar-me-hei dos que esqueceres; e se esperas merecer os louvores da terra, eu, que te bemdigo, espero merecer os louvores do ceu!

—Enganas-te! Tu não serás louvada, serás ignorada e incomprehendida, isso sim!

Conversavam d'este modo as duas fadas, quando lhes appareceu um anjo aureolado de estrellas, que, abrindo sobre ellas as brancas azas, disse á que fallára por ultimo:

—Chamar-te-has— BELLEZA --e reinarás co-

mo verdadeira soberana. Será juncado de corações o teu caminho, pisa-os-has sem dó! Serás amada, mas não farás felizes! Os teus dons serão de pouca duração; murcharão como as flores, apagar-se-hão como a luz. Serás ficticia e breve, vaidosa e fria, mas brilhante e amada. O teu reino é poderoso. Vae!

—Agora tu, disse á outra fada o anjo, chamar-te-has—BONDADE.—Serás suave e meiga. Fortalecerás os frageis, ampararás os desgraçados. O teu dom não terá a vida das flores, nem as intermittencias da luz; brilhará sempre! Occultar-te-has modesta e serás, apesar de humilde, a mais nobre e a melhor das fadas. Vae!

Desde então andam as duas fadas pelo mundo a espargir seus dons. Raras vezes se encontram á beira do mesmo berço, mas quando isso acontece, como fazem feliz a creança sua protegida!

Pisando corações n'uma indiferença magestosa vive a Belleza, ouvindo todos os louvores, todos os hymnos da terra; mas do ceu, é á Bondade que descem os raios das estrellas, e as bençãos do Senhor!



XXXVI

O vestido de Bertha

À MINHA PRIMINHA DINORAH PALHA

Tinha Bertha um vestido côr de rosa,
que ficava a matar
no seu corpo gentil. Toda garbosa
quando ia passear,
parecia dizer: — Não sou formosa?
Quem me não ha de amar?

Uma manhã de abril a linda Bertha
a rir se levantou,
e a contemplar pela janella aberta
o campo e o ceu ficou.
Se eu fosse colher flores? . . . estou certa
que gostaria . . . Vou.

Poz um chapéu de palha desabado,
que o rosto encantador
resguardaria d'algum raio ousado
do sol abrasador,
e eil-a a correr, risonha, pelo prado
de uma a outra flor.

Foi andando, andando, distrahida
a rir, sempre a brincar,
té encontrar chorando, dolorida,
a filha do alveitar,
que fugira de casa.—Margarida,
porque estás a chorar?

No campo ha tanta flor, ha tantos ninhos;
é tão azul o ceu!
Tão doce o gorgear dos passarinhos!
E choras, anjo meu!
Dize, o que tens? Não queres meus carinhos,
másita, que fiz eu?

—Eu tenho uma tal dôr, um tal desgosto!

—Conta-me tudo, sim?

—Vae baptisar-se a Rosa hoje ao sol posto,
e eu, pobre de mim,
não posso ir.—Porque? levanta o rosto
e falla, Guida. . . assim.

—No meu lindo vestido azul marinho,
que era mesmo um primor!
deu a traça. Eu que o tinha guardadinho
com tanto, tanto amor!
Sonhei com elle e logo bem cedinho
fui desdobral-o . . . horror!!

Deixou de ser vestido, é uma renda!
Vê, que bicho fatal!
Fiquei absorta ante a desgraça horrenda,
n'um martyrio infernal!
Vão todos para a festa; eu, dôr tremenda!
fico só . . . por meu mal!

—Não ficas, Guida, não, sou tua amiga,
e tenho coração.
Espera aqui que eu volte, rapariga,
que não será em vão.
É tão boa a mamã! talvez consiga
trazer-te . . . um fortunão!

Chegou a casa arfando pressurosa,
cançada de correr;
consultou a mamã, que jubilosa
a beijou a valer,
e levou o vestido côr de rosa,
sem pena de o perder.

—Aqui tens um vestido, minha vida,
mais bonito e melhor.
É todo seda e rendas. Margarida,
vaes ficar uma flôr!
Mas choras mais? porque? Dize querida,
não gostas d'esta côr?

—Ai, Bertha! Como és bôa e caridosa,
como eu te devo amar!
Á minha irmã, á pequenina Rosa,
que se vae baptisar,
hei-de ensinar teu nome, flôr mimosa.
Oh! deixa-me chorar!

Este pranto consola! . . . — Mas, Guidinha,
exageras, bem vês;
não achas que é melhor ver-te alegrinha,
do que ter dous ou tres
vestidos mais? Bem, quero-te a rainha
da festa . . . — Irás? . . . — Talvez.



XXXVII

A costureira

Passa todos os dias na minha rua uma pobre costureira, que me faz lembrar uma boneca, que tive.

Quando a vejo subir a ladeira, de cestinha no braço, a andar ligeira, a pallida filha da pobreza honesta, passando sem levantar os olhos para as janellas, sem ver mesmo os que andam a seu lado, como se fosse absorvida nos seus pensamentos, recordo-me immediatamente da mais modesta das minhas antigas companheiras da infancia, da mais sympathica, da mais pobre e da mais feia talvez.

A gente não se esquece nunca do tempo saudoso de intimidade com esses pequenos entes a quem emprestamos uma alma e com ella um genio e um modo de viver; e é por isso que a

pobre operaria me traz á memoria a minha humilde boneca, que era um exemplo, um verdadeiro symbolo de modestia, tanto que logo á primeira vista os menos investigadores lhe notariam essa qualidade, que transparecia no modo de vestir, de *andar*, de *fallar*, de *ser boa*, em tudo.

É por isso que me parece vel-a em ponto grande todas as manhãs e todas as tardes, em que vae para a officina, ou d'ella volta, a humilde aprendiz de modista.

Mal sabe ella, a preocupada rapariga, que ao passar por diante da minha casa, imaginando provavelmente a felicidade, que desfructam as donas d'aquelles vestidos de velludo e de setim, obra das suas mãos, que n'esse mesmo instante, a segue e a acompanha um olhar de mãe, que revê n'ella a filha morta!

E como não ser assim se ella é tal e qual?

Baixinha, cinturinha fina, cabellos negros, lisos, bem entrançados, vestido de chita claro, simples; avental preto, toda ella sem um enfeite, sem uma fita, sem uma flor sequer.

Nunca indaguei, nem indago, qual o nome da que hoje me retrata a imagem da minha Julieta, porque devo dizer que a minha boneca chamava-se Julieta, nome que não lhe ia muito bem por ter ella antes um typo burguez, o de uma verdadeira dona de casa, aceiada, trabalhadeira, activa, que nunca, estou certa, idealizou um

Romeu; por isso o caracter da minha creaturinha se conservou sempre com o perfume infantil, o perfume religioso, caseiro, que a acompanhou até ao fim.

Era tão boa e generosa a minha Julieta, que não me posso furtar ao desejo de relatar um dos episodios de sua vida.

Eil-o :

Uma noite passeava eu na tentadora rua do Ouvidor. Na vidraça de uma loja havia uma exposição atrahente; a mais importante das exposições, que se podem offerecer ás creanças. Era uma sociedade de senhoras bonitas e de bêbês adoraveis, brancas como flocos de neve e loiras como as estrellas. Oh ! que espectáculo ! Príncipei a passear os olhos pelos rostos de umas e outras, cada qual mais bello. Era embaraçosa a escolha, mas por fim toda a minha attenção fixou-se n'uma, na mais elegante, na que me parecia ser mais alva e ter os cabellos ainda mais dourados.

Sobre o vestido de setim lilaz esbatia-se a luz languidamente, pondo uns reflexos pallidos no rosto d'aquella gentil princeza, que mesmo por isso parecia mais aristrocata do que suas irmãs. Os braços, pendendo-lhe indolentemente, deixavam descoberto o corpo elegantissimo.

O scintilar de um colar de amethistas, que ostentava deitado entre rendas finas, em volta do

pescoço arredondado e branco, accentuava ainda mais a placidez do seu olhar suave e doce.

Com uma das mãos entre as dobras de um lençinho arrendado, pegava n'um mimoso raminho de violetas, e como que se adivinhava que em torno d'ella havia uma atmosphaera perfumada com as mais delicadas essencias do Oriente.

Era toda ella um portento, desde os bem concertados aneis da sua cabelleira, até aos sapatinhos de setim bordados.

Tanto me fascinei por aquella belleza, que m'a compraram.

Levei-a triumphante e contente. Ao pé d'ella Julieta parecia uma mendiga, pelo que passou desde logo, por muito favor, á cathegoria de criada da ex.^{ma} sr.^a D. Clarisse.

Foi n'essa transformação que mais se revelou a meiga docilidade da pobre pequena; porque na verdade era mesmo preciso ser muito docil e muito paciente para servir a uma senhora tão exigente e orgulhosa, como era a minha nova predilecta.

Clarisse era nervosa, cheia de pequeninos caprichos. Como soberana, que era no salão, queria que todos a attendessem e a servissem antes que a ninguem mais, com uma promptidão frenetica. Gostava de fazer muitas *toilettes* no dia, de passear, de ir a espectaculos, de walsar. . . ah! ella era louca pela walsa! N'uma noite de baile havia em casa uma verdadeira revolução!

Então é que a pobre Julieta andava em papos de aranha ; era Julieta para aqui, Julieta para alli, Julieta para acolá !

Queria que a penteasse, que lhe desse o pó de arroz, o vidrinho de essencia, tudo em summa, mas entremeado de ralhos, porque a camareira era desageitada, falta de habilidade e de delicadeza !

Pedia o espelho para ver o penteado e batia raivosa com os pesinhos por achar, que lhe tinha alisado muito os cabellos ; encolerisava-se, chorava até que a frisasse de novo !

Depois pedia a um tempo : as luvas, o leque, as flores, as joias, o lenço, a capa, a mantilha, tudo !

A criada corria como tonta de um lado para o outro, obdecendo cegamente para só descansar quando, depois de sahir a sr.^a D. Clarisse, envolta nas vaporosas ondas de filó, se deixava cabir prostrada.

Coitada, enquanto a ama feliz ia para o baile, dormia ella socegradamente, sem cortinados, n'uma singella cama com colcha de ramagem, repoisando a cabecinha sem sonhos no travesseiro liso ; ao passo que a linda princeza na vertigem da walsa, perdia-se em ondulações pela extensão da sala.

É que eram bem diversos os seus destinos !

Para uma a doce paz da vida, que se conso-

me na utilidade dos outros ; para outra as sofreguidões, os desejos nunca saciados da existencia frivola.

Clarisse n'uma das voltas loucas, em que, walsando, se ostentava mais bella, succedeu-lhe uma vez um desastre : desmaiou, mas para não acordar mais, porque o rosto lhe ficou como se o tivessem mergulhado em vitriolo !

A desgraçada esmagára a cabeça de encontro a um movel do salão.

Julieta voltou aos seus antigos habitos e viveu, ate que um dia . . . Para que hei-de eu agora contar o seu fim ?

Os periodos da nossa vida passam rapidos, comquanto não seja o menos duradouro, aquelle, que consagramos ás bonecas. Por mim, guardo da minha Julieta a mais viva lembrança, d'ella que foi talvez a mais feia, a mais pequena das bonecas, que tive; mas que tinha qualidades de mais valor, que a belleza.

Agora, ó pallida costureira, que passas pela minha porta todas as manhãs e todas as tardes, se sabes ler e o accaso te puzer diante estas linhas, ouve bem o que te digo: se a comparação da humildade de tua vida, com a felicidade, que imaginas gosarem essas para quem trabalhas, é que te faz andar assim tão preocupada e triste . . . abandona esses pensamentos e acredita que ellas são muitas vezes mais desgraçadas do que tu.

XXXVIII

As perguntas

De Luiz Ratisbonne

AO MEU AMIGUINHO LEONCIO LIMOEIRO

- Carlos, vá-se despindo e dobre a roupa toda.
—Quem foi que adivinhou que a gente precisava vestir-se, Marietta? usar roupa da moda?
—Foi alguém, respondeu Marietta, que andava zangado por ter frio, ou cheio de vergonha por estar sempre nu. Ande, Carlinhos, ponha as mãos e as orações repita sem demora.
—E quem foi que inventou as rezas, Marietta?
—Provavelmente alguém, que uma angustia secreta ou immensa ventura opprimiria. — Agora vamos, Carlos, é tarde e perguntou bastante; guarde para amanhã o resto, sim? Cuidado ageite a cabecinha e durma socegado;

assim : como é bonito ! agora dê-me um beijo.
— Mas quem foi que inventou o beijo, queridinha?
Ia-se atrapalhando a linda creadinha,
já lhe accendia á face a rubra flôr do pejo,
quando a mamã entrou: Meu filho, quem primeiro
deu o beijo melhor, o beijo verdadeiro,
foi a mãe; aqui tens, ó creança adorada,
o meu ! Carlos dormiu sem perguntar mais nada.

XXXIX

A boa companhia

De Luiz Ratisbonne

A MINHA AFILHADINHA ADELINA GOMES

— Tu disseste, Izabel, que a dhalia é orgulhosa
e sem aroma ? Vem, aspira esta: um ceu !
— Pois tu não vês porque ? Cresceu unida á rosa,
o perfume da rosa, é tambem hoje, seu.

XL

D. Formiga

Contam cousas admiraveis, estupendas, enormes, de umas certas *pretinhas* muito laboriosas e pequenas, que vivem sob a terra, que pisamos, e que valem muitas vezes mais do que qualquer de nós!

Quando eu era creança gostava extraordinariamente de as ver na sua lida. Ficava-me esquecida, de bruços na grama, deitando no caminho, um estreito carreirinho, fragmentos de uma folha, que as pobresinhas levavam com immenso trabalho para o seu recanto obscuro.

Que vae vem, que saracotear gracioso, que cinturinha apertada, que delicadeza, que astucia e que exemplo!

Tanto observei, tanto, que um dia pareceu-me descobrir o viver intimo de uma d'essas *señhoras*. Exultei de jubilo! Penetrára no minimo segredo da natureza.

Dei bravos a mim mesma!

A historia é simples e ali vae :

Vivia n'um buracinho, feito com paciencia e esforço, a sr.^a D. Formiga e seus tres filhos, muito intelligentes e graciosos.

Evidentemente D. Formiga era viuva, o que fazia dó, pois para sustentar-se e aos filhos arca-va a bôa da *senhora* com enorme trabalheira !

Mas que paz, que serenidade, que idilio, havia no interior d'aquelle buracinho tão pequeno ! Alli vivia uma familia amorosa, dedicada, terna, digna de todas as bençãos, na mais profunda amisade, na mais perfeita harmonia !

Cabia n'aquelle grão d'areia a verdadeira ventura, o amor !

D. Formiga era excellente mãe e fôra, com certeza, esposa amante e amada.

Era honesta e infatigavel, um exemplo de boa dona de casa, um encanto ! Por isso a sua vida escorria doce, doce como o mel de um favo.

Mas, ai ! que não ha bem que sempre dure !

N'uma manhã de verão, ardente e clara, quando as cigarras cantavam e as flôres esmoreciam, quiz o filho mais novo da bôa D. Formiga ir passear ao sol !

E se bem o quiz melhor o fez. Subiu alegremente pela ribanceira, espreitou para um lado, para o outro, deu umas voltas distrahido, orientou-se, e partio.

Quando D. Formiga deu pela falta do seu querido amor, o filho das suas entranhas, a es-

trella da sua alma, o ultimo legado do seu perdido esposo, chamou os mais velhitos, despediu-se lacrimosa, recommendou-lhes a casa e foi-se em busca da estouvada creança.

Infeliz! de balde a procurou.

Correu campos, caminhos; penetrou em muitos formigueiros, indagou dos compadres, das vizinhas, de conhecidos e desconhecidos. . . chorou, chorou, chorou, e nenhuma voz, nenhuma, respondia á sua!

Ai misera! O dia declinou e vinha a noite! D. Formiga rolava desesperada no chão em convulsões de dôr. Juntaram-se as amigas, e os dous filhos afflictos resavam pelo irmão. De repente estremeceram de prazer e quedaram-se immoveis. Ouviram uns passos conhecidos e divisaram no caminho um vulto informe, que se arrastava a custo. . .

Quem será? quem não será? questionavam os indifferentes.

D. Formiga cessára de contorcer-se e com os filhos prestava attenção. . .

—E' um monstro! dizia aterrorisada uma velha vizinha, encolhida e medrosa. . .

—É elle, dizia o palpitante coração da mãe.

Como são apurados os ouvidos e a vista de quem ama!

Vagarosamente o vulto approximou-se do entristecido grupo.

Era elle, era, que vinha todo coberto com uma

grande folha, pesada de mais, para as suas delicadas forças.

Que alegria, que ventura immensa! A mãe em vez de ralhos dava-lhe beijos, os irmãosinhos dançaram de alegria e as amigas perguntaram-lhe então porque se demorára tanto.

Pelos gestos comprehendí que a resposta era esta :

La muito curioso pelo meu caminho quando encontrei esta folha tão rica e saborosa, que me deu na vontade trazel-a a minha mãe. Dá nos para viver tres dias seguramente.

Levei muito tempo a arrancal-a da haste. Deu-me um trabalho insano! mas jurei trazel a e trouxe-a! Não me arrependo, embora esteja morto de fadiga! Estou na idade de trabalhar para a familia. . . minha mãesinha que me perdoe o susto, e que me accete a intenção!

N'essa noite teve D. Formiga deliciosos sonhos! No dia immediato convidou as amigas para um baile.

D'ahi por diante ficava-se ella descansada em casa, na doce serenidade do seu lar, e iam então os filhos trabalhar no campo.

Abençoados sejam, elles e ella. Ella que os ensinou, elles que aprenderam, e que demonstram que até no mais obscuro, no mais pequenino logar, quer Deus que se aninhe isso que os bons, honestos, preserverantes e activos podem alcançar—a felicidade.

XLI

O Natal

A MINHA PRIMINHA ISOLINA LUIZA DA MOTTA CARDOSO

—Quantos dias ainda passaremos
á espera do Natal?
Tu dizes sempre: Poucos, esperemos. . .
'Stou cançada afinal.

—Falta apenas um mez, minha Luizinha.
—Custa tanto esperar!
Ja sei de cór os versos á avósinha,
e a festa sem chegar!

Vejo, sonhando, os mimos, as estrellas,
que enfeitarão da arvore sagrada
os ramos refulgentes, por mil velas
de luz ora vermelha, ora azulada!

Depois . . . repartirei os meus brinquedos
pelos primos, amigas, convidadas . . .

—São doze ao todo, não,
entre primas e amigas? Que folguedos!

Que alegrias sem fim! Que creanças!
—Não contaste, mamã, os orphãosinhos,
com quem divido o pão
da merenda? São tres, pobres anginhos!

E não teem mãe nem pae!
Convidei-os tambem. Tu, que és tão boa,
dá-lhes uns fatos novos, sim? Perdoa . . .
ter-lhes feito a promessa de . . .

—Luiza!

Ès um anjo do ceu, filha adorada,
és perfume ideal que aromatisa
d'esta existencia a fadigosa estrada!

Vae, minha filha, vae!

O repartir o pão com os orphãosinhos
não basta, meu amor!
Dá-lhes tambem os maternas carinhos,
que é a esmola maior.

Queres?

—Oh! minha mãe! vou ja buscar-os,
vou vestir-os de novo, penteal-os,
e comprar-lhes brinquedos . . . Que alegria!

—É santo esse alvoroço. mas repara
ser agora . . . impossivel! É tão cara
a vida, filha! . . . o pão de cada dia!

Dei para a tua festa tudo ; espera
que eu possa junctar mais. Ah ! se eu podera!

—Podes sim, mamãzinha, desconfio
que achei um meio.

—Qual ?

—Dou-lhes o teu presente : renuncio
á festa do Natal.

—E era o teu bello sonho, Luizinha !
Como bemdigo a Deus
por me haver feito mãe ! Ouve, filhinha,
se não puderes ver o arbusto santo,
offuscante de luz,
fita o celeste olhar, limpo de pranto,
no infindo azul dos ceus,
e lá verás, olhando-te contente,
o teu doce Jesus;
como tu pequenino e sorridente.

As estrellas virão, como em cortejo,
saudar-te, minha flôr !
E sentirás, um como suave beijo
de maternal amor

roçar-te a fronte pura; e a voz plangente
da mãe dos orphãosinhos meigamente
murmurará:—Bem hajas tu, querida,
a um tempo mãe e irmã!

Que maior festa queres, minha vida?
—Os teus beijos, mamã!



XLII

As flores do pecegueiro

Um pecegueiro todo ufano, vestido com as suas alegres florinhas côr de rosa, disse um dia a uma lagarta, que ia subindo arrastadamente pelo seu tronco acima :

— Não me toques nas flores, vê lá, cuidado ! Lembra-te que não tens direito a taes aspirações, tu que és abjecta, immunda, indigna de beijares a maciez candida e perfumada de suas pétalas. Para ellas só o orvalho do ceu e os mimos da viração ; para ellas tudo o que ha de mais doce e de melhor. A borboleta dourada e azul, vá lá, pode tocal-as, mas tu, que és feia e repugnante, não, não e não !

E a lagarta a subir, e a subir muito philosopha e pacatamente !

— Olha, continuava o pecegueiro, não man-

ches o delicado carmim das minhas flores . . .
afasta-te, afasta-te!

Era tarde. A lagarta mergulhara a cabeça penugenta no calice rubro de uma flor, e já nada escutava, toda absorta na sua ventura. O pecegueiro então indignado sacudiu-se raivoso, rangeram-lhe os galhos desprendendo as flores, que bailaram no espaço e foram tapetar o chão.

Cahiram as flores mas não cahio a lagarta, que na extremidade de um galho fez o seu casulo.

Vendo-se nu, lamentava-se o triste pecegueiro dizendo:

—Fiz mal . . . fiz mal ! não devia ser colérico, nem tão violento . . . Porque não fui eu prudente, santo Deus ? Que maldito bicho ! sahe ! sahe !! dizia ainda o pecegueiro sacudindo-se ; mas a lagarta prevenida, nem se abalava !

.....
Passaram-se dias. Sobre os galhos seccos do pecegueiro cahia inutilmente o orvalho : as flores tinham-lhe morrido ao pé, silenciosas, tristes. O casulo continuava fechado até que um dia abriu-se de repente dando sahida a uma borboleta dourada e azul. O pecegueiro attonito estremeceu e então a borboleta disse por sua vez :

—Foste castigado ! ficas agora só ! Adeus, pecegueiro, e para nunca mais ! Não querias que as tuas filhas fossem nem de leve tocadas pela larva e não desdenhavas os beijos da borboleta ! Vê como estou bonita, adeus !

E alegre, doudejante partio o delicado insecto para viver alem entre outras flores.

Quanto ao pecegueiro arrependeu-se da sua ira, mas consolou se pensando :

—Fiz o meu dever zelando por minhas filhas; antes mortas e innocentes, que vivas e maculadas pela baba nojenta de um ente tão asqueroso !

O que ó certo é que o pecegueiro em parte tinha razão, e que está de novo todo ufano, coberto, com as suas alegres florinhas cõr de rosa!



XLIII

A idade do pae

De Luiz Ratisbonne

A MEU AFILHADINHO GASTÃO GUSMÃO

Que idade tens, papá ?

Trint'annos. — Mas então tens a idade acabada.

— Como acabada ? Tu queres que eu morra já ?

É cedo, espero em Deus vel-a muito augmentada.

— Que tempo falta mais ? . . .

— O tempo, meu amor, que um filho, inda menino precisa sem cessar cuidados paternaes ;

emquanto, entendes bem ? tu fores pequenino.

— Depressa crescerei, podes ficar tranquillo.

E o pae beijou a rir o ingenuo crocodilo.

XLIV

O padre nosso

De Luiz Ratisbonne

A MINHA AMIGUINHA LAURA COTTA

—Não se deve parar em meio da oração ;
Vamos e d'esta vez recommendo attenção.

Continua commigo o Padre Nosso, Lia,
dize pausadamente:—O pão de cada dia . . .
—O pão de cada dia... --Então, eis-te outra vez
parada e resmungando ; eu zango-me, bem vês.
—Zangares-te, mamã, tu que és tão boa e meiga!
Vaes ver porque parei; ao Pae do ceu pedia
que, visto ser tão secco o pão, que repartia,
mandasse d'ora em diante o nosso com manteiga.

XLV

● Faisca

A MEU SOBRINHO VALENTIM

Monologava o velho Antonio :

—Vendo o Faisca . . . decididamente, vendo-o . . . Já pouco serviço me faz e . . . não vale o que come. Aquillo já deu o que tinha a dar. Agora sempre me offerecem por elle algum cobrito . . . depois . . . sim mais tarde . . . será difficil . . . ora adeus ! Está dito, vendo o Faisca !

O filho do Antonio, o Manuelinho, que acompanhava o pae de volta do campo, vinha a ouvir estas palavras, que o enchiam de pasmo e de terror.

Elle queria muito ao Faisca e respeitava cegamente o pae ; não tinha por isso coragem de interrompel-o pedindo-lhe, que afastasse do espirito aquella ideia importuna e ingrata : vender o pobre animal, o companheiro assiduo de trabalhos estafadoras e crueis.

E a cada vez que o homem dizia resolutamente: vendo o Faisca, o mimoso e encantador pequeno estremecia, sentindo uma perturbação estranha.

Entristecia-o, magoava-o profundamente o desamor do pae. A consciencia revoltava se-lhe contra essa resolução, que nada, aos seus olhos, explicava:

— Vender o Faisca!

Pobre Manoel! elle queria n'esse momento ser forte, ser poderoso para fazer ver ao pae, bem claramente, que era uma maldade sem nome desfazer-se de um amigo velho. Prendiam-n'o a sua pequenez e o seu acanhamento, e elle caminhava ao lado do pae sem protestar contra essa ideia, que lhe punha manchas negras na alma!

O que era o Faisca?

Um burro velho, russo, que o affectuoso Manuelinho conheceu sempre em casa. Fôra n'elle que dera os primeiros passeios ao redor do terreiro, vagarosamente, seguro pela mãe, que ia a pé, ao lado, encantada da alegria do seu querido filhinho, que ria muito fitando receoso as grandes orelhas do animal. . .

Teria Manuelinho então os seus tres annos. N'aquelle tempo ia muitas vezes o pae á villa, montado no russo e orgulhava-se d'elle; agora queria vendel-o! Mas porque?

A alma candida de Manuel não atinava com essa mysteriosa razão, que ditava ao pae a ven-

da do seu Faisca. Dava tratos á imaginação e não decifrava o enigma.

Quando chegaram ao quintal da casa e Manuelinho vio a carroça com os varaes para o ar, em baixo da arvore, a grande figueira brava ramalhuda; quando elle a vio, essa carroça que todos os dias sahia puxada pelo generoso e incansavel burro, o ganha pão da familia, olhou para o pae com ar supplicante procurando ler-lhe na physionomia o arrependimento e pedir-lhe que desistisse do seu intento, mas o pae principiou a assobiar com modo satisfeito, e elle não se animou a dizer nada,

Assim chegaram os dous a casa. Um alegre, outro tristonho até ás lagrimas. Esperava-os o jantar. Na edade de Manuel os desgostos não tiram a vontade de comer; o pequeno accitou, pois, o prato, que a mãe como de costume lhe fez. O pae enchia a bocca soffregamente, mastigando com ruido. Fez-se por um momento o silencio. Manuelinho enchera a colher e ia-a erguendo quando um zurro prolongado e melancholico, entrou na pobre sala indo ferir o coração do pequenito. Emquanto durou o som d'aquella voz, a creança quedou-se immovel, a colher na mão, a mão no ar, e os olhos brilhantes, muito abertos. . .

A mãe contemplava-o. O pae principiou: sabes Maria? O João Velho propoz-me comprar o Faisca. Eu disse-lhe que não. . . mas. . .

Interrompeu-se para esvasiar um grande copo d'agua ; depois continuou : eu disse-lhe que não, mas . . . estou resolvido a vendel-o. O animal está alli, está morto . . . Com o cobre, que receber por elle e um poucoxinho mais, compro uma mula nova e capaz de . . . eu sei lá ! de me ganhar muito dinheiro. Hoje mesmo vou dizer ao João, que o mande buscar . . . Que dizes a isto, hein ?

Maria, a mulher, mal o escutava, tinha os olhos presos no filho, que pallido, com o ar espantadinho, ficara silencioso.

As lagrimas cabiam-lhe pelas faces quatro a quatro.

Comprehendendo a causa d'essa dôr, a boa mulher sorriu-se e respondeu ao marido :

—Eu sou da opinião . . . que o não vendas ! Não tens necessidade de te desfazeres do pobre animal para comprar outro . . . Olha, eu tenho alli um dinheirinho das economias que te servirá para ajuda da compra da mula. O Faisca ficará para levar o nosso Manuel á villa quando entrar na escola . . . Lá para a carroça, isso não, é trabalho pesado de mais para elle . . .

O Antonio tinha afinal um bom coração e não queria contrariar a familia . . . Rude na apparencia, era delicado por instincto.

—Está bem, disse elle, sem contrariedade : não se venderá.

O Manuelinho corára, tremia de alegria, vaci-

lava no banco, até que, obedecendo a um impulso, atirou-se commovido nos braços da mãe.

O Faisca tornou a zurrar lá fóra, mas como pareceu ao bom e meigo Manuel alegre aquelle zurro! O menino doido de alegria acabou de jantar á pressa e correu para o quintal.

O animal sacudindo as orelhas e movendo a cauda vagarosamente bebia n'um tanque, fitando n'agua os seus grandes olhos serenos.

Manuelinho encostou no pello russo do burro o seu rostinho redondo e claro affagando-o com meiguice.

Durante essa tarde o pae e a mãe sentados á sombra da parreirinha viram contentes o seu querido Manuel passear triumphante e radioso, no Faisca, que paciente prestava-se a andar ao redor do terreiro, obedecendo á vontade d'aquelle amigo sincero e leal. . .



XLVI

Amor de criação

AO MEU AMIGUINHO ACHILLES VAREJÃO

Henrique era um menino intelligente,
bondoso e scismador ;
tinha a seus paes uma affeição ardente,
e tambem consagrava um grande amor
áquella que o creára e a quem, anginho,
déra o singelo nome de Babá.

Um dia essa mulher sem um carinho
deixou a creancinha, foi se embora . . .
indifferente, má.

Henrique em magua immerso, grita, chora:
—Meu Deus, onde te escondes ? que maldade !
não tens pena de mim ?

Secou-lhe o pranto amargo da saudade
o amor dos paes.

Emfim

o pequenito, alegre, descuidado,
sahira a passear
dando a mão ao papá ; mas d'improviso
pára, fica um momento embaraçado,
estatico, indeciso . . .

—Que tens, filho ? — Papá, espere, fique
parado, sim ? — Mas onde vaes creança ?!

—Vê aquelle soldado alem, pois não ?
vou o comprimentar ;

quero tratá-lo bem, tenho esperança
que elle goste de mim, e, se algum dia
encontrar a Babá, perdida, á tóa,

por pena e compaixão,
a leve a nossa casa Que alegria
quando a mamã disser que lhe perdôa,
quando ella me beijar !

Como sabia esta creança amar !



XLVII

Protecção divina

Lembrou-se um passarinho um dia, de ir armar o seu ninho, n'uma velha figueira brava, que havia na floresta á beira de um rio fundo, fundo!

Admira, porque as aves não são como as creanças, que ignoram onde está o perigo, e acreditam sempre que tudo e todos são bons. Não, ellas teem o instincto, que as afasta da ruina, e não arriscam nunca a felicidade dos filhos.

Não sei qual era o nome da linda avesinha, de que fallo; sei que era pequenina, muito mimosa. com os olhinhos redondos e vivos, e uma voz tão doce, tão requebrada, e ao mesmo tempo terna, tão melodiosa e grave, que entristecia e alegrava ouvil-a,

A sua historia é... como todas as historias

dos passarinhos do matto. Vivia modestamente, não aspirava glórias e o seu intimo desejo era a paz, a serenidade, o amor.

O passaro, esse delicioso bohemio da natureza, ama o que ha de mais bello: o sol, a liberdade, e a flor, ninho delicado de poesia e encanto! Foi de seus gorgeios que surgiu a musica, a musica que eleva e enebria o homem!

Mas voltemos a fallar do passarinho, que foi armar o seu ninho á beira de um rio fundo, fundo!

Tinha uma companheira, toda medrosa, pequenina, solicitando a todo o instante o seu cuidado, desvelando-se tremula em agradar-lhe, mas, pobresinha, muito assustadiça. . . Temia pelo o esposo e pelos filhos, aterrorisava se pensando que um dia quisessem voar, e que a deixassem a ella, fraca e só, longe dos seus amores! . . .

Por isso estendia a azas pequeninas por sobre os filhos, e punha-se a olhar para o esposo, que pousado á beira do ninho cantava alegremente! . . .

Uma noite as estrellas medrosas recolheram-se, as nuvens ajuntaram-se, um vento forte abalou a ramaria escura. Veio a tempestade. O raio brilhante cortou a negridão da noite. Estalaram as mais altas e vigorosas arvores; o rio cresceu, saltou impetuoso, alagou campos, despenhou-se nos valles. Tudo era sombra. Tudo! Só os re-

lampagos de vez em quando illuminavam a paisagem arrancada á sua placidez.

Era o rapido momento lucido d'aquella furiosa loucura da natureza, que se aclarava para ficar mais triste.

Então as avesinhas trementes conchegavam-se muito, imaginando, horrorisadas, que iam despenhar-se nas revoltas aguas! e pediam ao Ceu: os paes, a vida dos filhos, e os filhos, a vida dos paes.

No outro dia, quando o sol rompeu as nuvens, e a viração brincou pela folhagem, no ramo velho da figueira brava á beira do rio fundo, fundo, cantava hossanas ao astro radiante o amoroso casal das meigas avesinhas. . .

É que sobre a innocencia e a bondade, tem sempre Deus aberta uma aza de protecção!



XLVIII

A velha

A MINHA AMIGUINHA EVANGELINA DE MAGALHÃES

Era uma pobre velha repellente
por feia e desdentada; caminhava
toda n'um arco, arfando, e coxeava
arrastando os chinellos. De repente
faltou-lhe o chão, quiz segurar-se ainda
ao pau que lhe era arrimo, este partiu-se,
e a velhinha cahiu.

Elvira riu-se,
mas deitou a boneca, a sua Linda,
sobre a relva e correu; a pobresinha
foi levantar da rua; inda risonha
e ajudando-a, pensou :

—Que carantonha!
como é feia esta velha! coitadinha!
A pobre deu-lhe a mão, ergueu-se a custo,
e encostada á creança encantadora,
a gemer com uma voz aterradora,

talvez menos de dôr, do que do susto,
que a abalára de véras . . . talvez fome . . .
Sentou-se no jardim :

—Que formosura !

disse a velha sorrindo com brandura :
anjo do ceu, na terra tens um nome . . .

—Elvira.—Não, filhinha, Caridade !

Elvira já não ria, *incontinenti*
trouxe á velhinha um caldo forte e quente,
vinho, fructas e pão ; tinha vontade
de dar-lhe roupa nova, outros chinellos :
dinheiro . . . já não tinha ; hontem ainda
estava rica, mas . . . comprára Linda
ficando sem vintem.

Como eram bellos
os seus olhos azues, rasos de pranto !
A velha viu-lhe as lagrimas, e disse :
—Tu não deves chorar !

A minha Alice
é como tu formosa, e no entretanto
tem fome, não tem pão ; tem oito annos
e não brincou ainda ; é tão mimosa,
que um sopro a offenderia, e andrajosa
treme de frio . . . e ri ! Sabios arcanos
da Providencia !

A filha idolatrada
quando subiu a Deus, legou-me o anjo,
que me anima ; por elle me confranja ;
e consigo sorrir.

Desventurada !

Não darei nunca á minha doce Alice
um instante de bom contentamento?
Como compensarei o teu tormento,
anjo de paz, prodigio de meiguice!?

Do sol, que se escondia, um derradeiro
clarão aureolava a fronte pura
da graciosa Elvira!

Que doçura
no seu olhar! no riso feiticeiro!

Foi buscar a boneca e deu-a á pobre
p'ra que a levasse á meiga e boa Alice;
dizendo que se a neta lhe sorrisse,
bem paga ficaria.

—Santa e nobre
creança eu te bemdigo!

—Sobre a terra,
só dá ventura o pranto que se enxuga.
O desfazer a prematura ruga
da desdita cruel, mais goso encerra,
que as lisonjas sem fim do falso amigo,
que as mil festas do luxo e da opulencia.
Perdeste Linda? . . . A tua consciencia
exulta.

Anjo de luz, eu te bemdigo!



XLIX

Boas festas

Virginia portou-se admiravelmente bem, durante o anno inteiro, por isso a avósinha lhe disse :

—Deixa estar que a Fada boa não se ha de esquecer de ti pelo natal.

Com essa esperança redobrava a pequenita de meiguice e docilidade.

A Fada boa ! Que risonhas promessas ella faz ás creanças ! Se ao bater da sua varinha de condão, surgem bonecas bonitas e doces tão gostosos ! A Fada boa ! Que deliciosa creatura, como compensa os bons e pune os máus ! . . .

Quando Virginia, logo de manhã entre-abrio os olhos, vio, ainda atravez das pestanas, alguem recostado nas cambraias de seu traveseiro. Era uma encantadora nêê, toda atufada em rendas !

Então despertou alegre . . . como o que de mais alegre houver no mundo.

A avósinha solícita estava a espreital-a, rio-se da alegria da neta e contou-lhe assim a visita da Fada.

Hontem á noite estava tudo muito socegado em casa ; nem o cãosinho nem o gato, nem mesmo um ratinho se mexiam ! Tu dormias quietinha, bem aninhada no colchãosinho fôfo, sonhando naturalmente com pastilhas de chocolate, cerejas crystalisadas, amendoas cobertas, com umas dansarinas graciosas, de saióte de renda, sapatinhos de setim, e com uns polichinellos cheios de guizos dourados e sonóros . . . Eu tinha feito as minhas orações, posto a touca na cabeça e já ia apagar a vela para dormir, quando ouvi bulha perto de casa. Voei para a janella e abri-a de par em par.

A lua espalhava uma claridade diaphana, mas fórte como a claridade do sol coada por um globo azul ; voavam pelo ar umas aves multicores, e tão pequeninas que a mão de uma creança poderia escondel-as ; nas pedras da calçada, que luziam como vidro, vinha um carrinho d'ouro puxado por oito veadinhas brancas atreladas com fitas e flores, e guiadas por um postilhão velhinho e alegre. Os animaes corriam vellozes ; o conductor assobiava-lhes, excitava-as com o seu chicotinho de cabo de esmeraldas. De repente, como por encanto, subiu para o telhado o carrinho de ouro.

Desceu então do tecto uma escada de lumes e pela escada a Fada boa vestida de azul e rendas. Atraz d'ella vinha o postilhão com longas barbas brancas de assucar candi ; os olhos eram duas amoras, e o nariz um morango.

Vinha a rir de alegria e todo a tremer como um pudim de geleia. Era pançudosinho, fallador; trazia casaca de velludo verde, as pernas finas calçadas com meias de seda, e fivellas nos sapatos, flor no peito e um cofre de prata na mão . . .

Então a Fada tirou esta boneca do cofre, e disse, que se tu fores sempre boa, Virginia, terás n'outro natal uma visita melhor.

Subiram outra vez pela escada; o tecto abriu-se e fechou-se, e tu dormias . . . tranquilla.

Fui á janella; o carrinho voava arrebatado pelas veadinhas brancas. Sobre as casas das creanças boas a Fada espalhava uma chuva de rosas, dizendo até que a perdi de vista :

—Boas festas! . . . boas festas!

Virginia fez voto de bondade; vestio-se á pressa e foi contar, radiante de felicidade, o occorrido á mãe . . .



L

Chuva e sol

A MINHA AMIGUINHA MARIA JOSÉ C. DE SOUSA DANTAS

'Star no pendor do abysmo e suster-se sósinha,
quasi a tombar no mal, lutar vencendo o mal,
é difficil, é bello! Eu vi exemplo igual
na ingenua candidez de linda creancinha.

Disse a mamã, um dia, á loira Georjinana :
—Se até anoitecer, eu não te ouvir chorar,
nem dar gritos, prometto, amor, ir-te comprar
uma nêné gentil, d'olhos de porcellana.

Apenas isto ouvio, a bella pequenita
dansa e salta a cantar com tal selfreguidão,
que entontecendo, cáe, ao comprido, no chão.
Esqueceu-lhe a promessa. Eil-a que chora e grita.

—Prantos? adeus boneca. Ouvindo esta ameaça,
ergue-se Georgianna e diz, muito ligeira,
mudando o choro em riso e com immensa graça.

—Chorei . . . por brincadeira.

LI

A escola

(MEMORIAS DE UM ESTUDANTE)

Eu sahira zangado da escola essa tarde. Caminhava para casa disposto a pedir ao pae que me puzesse a trabalhar no campo com os primos. O tio Pedro não mandara ensinar os filhos, e elles ali estavam gordos e contentes. A escola é um tormento, dizia eu commigo, e o mestre é um bandido!

Fez-me copiar vinte e cinco vezes, só porque erreí uma, a palavra polytechnica! Decididamente quero trabalhar no campo. Os meus collegas zombavam acompanhando-me pela estrada fóra a gritarem-me:

—Ó da Polytechnica! Eu, humilhado, sentia vontade de chorar, e não corria como de costume.

Querendo livrar-me do acompanhamento importuno do rapazio, mal avistei a casa do tio

Pedro, corri para ella e entrei, fechando atraz de mim a porta. Minha tia, sentada na sala de jantar, segurava nas mãos uma carta aberta; rodeavam-na de perto o marido e os filhos.

Logo que appareci, abriram-me os braços n'uma effusão de ternura a que eu não estava habituado.

—Vem cá, meu Chico, disse-me a pobre mulher olhando bondosamente para mim, lê aqui esta palavra, que teu tio não pôde entender. É uma carta do mano Antonio . . . desgraçadamente os pequenos não a sabem ler, e teu tio . . . não tem practica d'estas cousas . . . enfim, não admira . . . Olha, filho, é esta a palavra . . .

E apontava-me com o dedo picado da agulha um ponto mais amarrotado do papel, repetindo: é aqui, é aqui!

Eu, orgulhoso do meu saber, li alto e correctamente com todo o vagar, prõnunciando syllaba por syllaba:

Po-ly-te-chni-ca!

Atroz perseguição! Ao mesmo tempo que dos meus labios sahia clara e distinctamente essa atormentadora palavra, fazia-se uma confusão maldicta em meu espirito, e nadava-me n'alma a colera! Desesperado, levantei os olhos, e vi toda a familia a olhar para mim, attonita; ao movimento brusco que fiz, romperam o silencio murmurando encantados:

—Como o Chico lê bem!

Áquelle elogio curvei a cabeça n'um agradecimento, e dispuz-me a sahir, mas a esposa do tio Pedro segurou-me carinhosamente a mão dizendo-me de novo:

—Ó filho, já agora faze favor, lê toda a carta, sim?

Que havia eu de fazer? Li-a. De espaço a espaço, rompiam em exclamações, e eu era obrigado a interromper-me para dar logar aos ahs! ohs! e ihs! prolongados.

A carta era grande: o tio Antonio dava á irmã a consoladora noticia de que seu filho mais velho entrára para a escola Polytechnica e que, graças ao seu talento e aos mestres que tivera, enchia agora de alegria e honra os paes.

O triumpho do Alfredo abalou sériamente a opinião dos meus bons tios. Umás invejasitas formigavam-lhes no coração. A dizer a verdade era tamanha a satisfação e orgulho do velho ao fallar no seu Alfredo, que á força de estudo e trabalho entrava para uma carreira brilhante, que eu, pobre de mim, senti-me commovido tambem!

—E o Chico? dizia então a tia batendo me nas costas, e este pirralho, que já lê tão bem!?

—Está ahi outro Alfredo!... concluia o tio Pedro, fitando admirado em mim os seus olhos pardos e pequenos.

Houve uma pausa durante a qual a pobre mãe derramou o seu olhar molhado de lagrimas pelos tres filhos.

O que pensaria ella? Não sei, mas nunca expressão mais dolorosa vi em ninguém!

Por fim, como se se tivessem combinado, lembraram ao mesmo tempo marido e mulher, mandarem ensinar os filhos...

Voltando-se para mim pediram-me instantemente que os apresentasse no dia seguinte ao meu professor. Prometti fazer-lhes a vontade, e na manhã immediata roguei a minha santa mãe, que me desse o almoço mais cedo.

—Porque? perguntou-me ella, alisando-me cuidadosamente o cabello.

—Porque vou hoje apresentar na escola os primos...

—Sim?! mas o tio Pedro dizia ser asneira o mandarmos o nosso Chico á licção...

Contei-lhe tudo entre envergonhado e risonho.

Ella, a minha doce amiga, ouviu me com attenção, sorrindo com a sua costumada placidez; depois attrahindo-me para o seio, disse-me com voz segura e affectuosa:

—Vae, meu filho, cumpre o teu dever. Ouve sempre com respeito os conselhos do mestre, obedece-lhe em tudo. Olha que se não fosse elle, não teria eu hoje a ventura de te ver assim; terminou ella dando-me dous beijos na face.

Desde esse dia parecia-me ver, estendida como uma aza immaculada, a branca mão de minha mãe a apontar-me a escola, onde nunca mais faltei!

LII

Deus faz tudo

De Luiz Ratisbonne

A MINHA PRIMINHA MARIA ROCHA

— Como foi, minha mãe, que Deus pintou as flores onde achou elle tintas de tão varias côres ?

— Deus, Valentina, vendo a terra nua e feia, teve pena, sorriu ; e eil-a de flôres cheia.

— É fôrte ! Mas então tudo por Deus foi feito ?

— Tudo, meu anjo: o mar, o fogo, a terra, os ceus.

— E quem te fez a ti, mamã ? foi tambem Deus ?

— Sem duvida. Que tens ? 'Stás absorta ? Não crês !

— Custa-me a acreditar que Deus tivesse geito p'ra fazer uma mãe tão boa como és !

LIII

● berço

Tinha morrido uma creança em casa da velha Anna.

Logo que isto constou, disseram todos entre exclamações de tristeza :

—Pobre avó! E' que todos sabiam que Joanninha era a ultima pessoa da familia d'essa mulher quasi decrepita, que havia sentido resvalarem para a sepultura, dos seus ternos braços de esposa e de mãe, o marido, os seus amores ; e as filhas, as suas esperanças.

A ultima que morrera deixara-lhe um legado precioso, que ella recebeu com o ultimo suspiro; thesouro de sua alma, luz dos seus olhos, consolo de suas maguas . . . que tudo isso era para ella, Joanninha, o raio de sol, que lhe aquecia o o lar sombrio, que lhe absorvia as lagrimas

brotadas dos seus cavados olhos de avó. Foi d'esse então a netinha o ninho de todos os seus carinhos; aquelle corpo pequenino era para a velha como uma redoma santa, envolvero immaculado das almas de todos os seus finados. Em cada batimento d'aquelle coraçãozinho, escutava ella as pulsações de todos os seus perdidos amores.

Mas um dia essa unica luz apagou-se, desfez-se aquella flor de espuma, resto do oceano revolto, em que vira submergirem-se todos os seus; voou aquella avesinha innocente, que viera abrigar-se em ninho de miserias, e que partia deixando-o mais ermo, e mais saudoso ainda.

Como passaria agora a pobre velha os dias! Dentro d'essas quatro paredes escuras nunca mais soariam aquelles risinhos dourados, centellas que lhe varriam do espirito os pensamentos tristes. No berço tosco e rustico, que alli estava ao fundo, berço em que ella tinha embalado os filhos, e em que embalava agora a neta, nunca mais contemplaria a sua adorada Joanninha, encanto dos seus sentidos, unica estrella do seu tempestuoso ceu!

Foi uma morte rapida: tanto que nem a avó sabia explical-a bem.

Ainda na ante-vespera de manhã ella andara descalcinha sobre a grama humida do campo! Quando entrou, vinha tristinha e quente, e assim passou o dia inteiro; á noite a febre cresceu.

Sobre os seus cabellos cahiram as lagrimas da velhinha, que velou junto do seu anginho com o coração partido.

*
* *

Quem haveria na vizinhança que não conhecesse a Joaninha?

Ninguem.

As creanças amavam-n'a como a uma alegre companheira de brinquedos; as mães já tantas vezes tinham confundido com as cabecinhas das filhas, a da loira Joanninha, quando com ellas brincava junto á porta, que sentiam uma dôr tamanha, como se lhes roubassem com a sua falta um elemento de ventura, e todas rodearam o pobre caixãozinho, e queriam vestil-a pela ultima vez; e trouxeram-lhe todas uma lembrança, a ultima prenda, que lhe offereciam.

Desde a camisinha bordada, até á grinalda de rosas, nada faltava. Mas a avó, a corcovada velhinha, afastou todas aquellas mãos, tomou nos braços o corpinho inanimado e frio, e principiou a vestil-o. As vizinhas olhavam-se admiradas, e ella prendia os cabellos da neta, tal e qual como quando d'antes a enfeitava. Deram-lhe umas meiasinhas, eram de seda, contemplou-as silenciosa, e afastando-as disse:

—Ella ha de levar umas, que eu lhe fiz; e antes de calçar-lh'as bafejou-lhe os pés frios, e roxos,

e beijou-os muito. Depois foi ella mesma quem a deitou no caixão, quem lhe cruzou as mãos, quem lhe semeou as flores por sobre o corpo!

Uma das amigas curvou-se, e, levantando com os dedos uma madeixa sedosa dos cabellos da morta, estendeu a thesoura aberta para cortal-a; mas as mãos tremulas da velha sustiveram esse braço dizendo:

—Não, senhora, quero que ella leve todos os seus aneis.

Quando vieram buscar o caixão, algumas pessoas receiosas approximaram-se da desgraçada avó, cuidando que ella ia por certo cahir, morrer talvez; mas a velha ficou de pé na soleira da porta, a olhar até sumir-se de todo o pobre esquife.

*
* *
*

A pouco e pouco foram-se retirando todos, murmurando alguns que, ou Anna já não tinha coração, ou que enlouquecera.

Comtudo durante a noite, emquanto todos dormiam tranquillos junto aos filhos, a indifferente avó, a louca talvez, debruçava-se angustiosamente sobre um berço vazio, com as mãos comprimindo o peito, e com os labios contrahidos, a olhar fixamente para essas taboas, que tinham ouvido os cantos com que ella embalara a sua primeira filha.

LIV

● óleo de ricino

A MINHA AMIGUINHA ANNALINA DE CARVALHO

Um dia estava Alzira bem doente.
Para cural-a o medico dissera,
que lhe dessem, mas immediatamente
de ricino (que horror!)
uma ou duas colheres. Quem pudera
poupar a Alzira o grande sacrificio!
Mas era necessario.— Meu amor,
vaes beber este óleo; o beneficio
que te fará, é enorme, nem calculas.
— Bebes, sim? — Não, mamã, não bebo nada;
o que posso tomar, é... limonada.
— E se eu provar tambem?
não custa nada, vê, tu atribulas
a mamã; vamos lá; quando acabares,
se procederes bem,

eu dou-te uma pastilha.—Quero duas.

—Pois bem, terás tres.—Não.

—Filha coragem! olha, se tomares este remedio, irei, dá-me attenção, comprar-te uma boneca.

—Não das nuas...

Quero que tenha roupa e chapeusinho.

—Pois sim, bébe.

—Isso não!... não pode ser...

não bebo, é escuzado!

—Meu anginho

matas a tua mãe, pois tu não queres que eu tenha mais um dia de prazer?...

Que mais te falta p'ra te convenceres que me estás torturando?—E o pranto ardente correu-lhe pelas faces.

Lentamente

Alzira toma o copo, que continha o óleo repugnante, e, caladinha, bebeu-o, sem fazer uma careta!

Beijou-a então a mãe, na mais completa alegria, e a sorrir:

—Anjo querido!

como te adoro! Agora está sabido que não éra tão máu como julgavas...

—Oh! sim, mamã, bem máu! mas... tu choravas!



LV

● tamanco

Era dia de anno bom.

Chovia sem cessar; as ruas da villa, enlameadas, estavam desertas; o chão escorregadio, difficil de pisar; as casas silenciosas e o ceu coberto de nuvens negras.

Nem viva alma! Encolhiam-se todos nas suas habitações, ouvindo a bulha da agua, que batia no telhado e nas pedras da calçada, com uma persistencia, enfadonha para uns, deliciosa para outros.

Nem um animal sequer perturbava a paz d'aquella solidão; nem um cão, nem um gato atravessava as ruas! só da venda da esquina sahia um rumor de vozes confuso e aspero, umas gargalhadas grossas, roucas, escalas desafinadas, interrompendo o compasso monotono, igual, do barulho da chuva!

Assim se passára a manhã.

Era quasi meio dia, quando lá, no fim, na curva do caminho, despontou o vultosinho delicado de uma creança, com a roupinha molhada, unida ao corpo, arrastando uns tamancos n'um tac, tac, tac, muito musical aos seus ouvidos e trazendo na mão, seguro com toda a força, o cabo d'um velho chapéu pardo, que era como um grande cogumello a proteger a mais mimosa das violetas.

Sentia-se cansada a pequenita, mas precisava andar ainda muito, até que chegasse á casa da tia, onde ia pedir de esmola um frango para a mãe doente.

Assim foi indo, até que chegou a uma ladeira, que tinha de descer, e foi exactamente ali que a chuva augmentou muito, de tal modo que a menina parou para orientar-se. Voltar? . . . Não! o que diria a mãe? . . . Continuar? Estava transida. A chuva cahia a mais e mais e, o que ainda era peor, roncava o trovão.

Alli não havia casas: só altos muros, só fundos de quintaes!

Tomando uma resolução, começou a andar; mas, de repente, faltou-lhe um pé, escorregou, cahiu!

A agua crescia e corria pelo morro abaixo impetuosamente.

Segurando com força o cabo do chapéu, a menina levantou-se a custo e notou entristecida que

lhe faltava, oh! ceus! um dos seus tamancos! Aquelles tamanquinhos, que lhe tinham dado de festas, que eram tão bonitos e que chamavam a atenção de toda a gente, quando batiam nas pedras fazendo : tac-tac-tac . . .

Estendeu magoada a vista e lá o viu a deslizar na agua barrenta da enxurrada, como um batel, onde ia para desconhecida paragem toda a sua alegria!

Lembrou-se então de correr para apanhal-o; assim o fez. Correu atraz do tamanquinho, que se conservava sempre distante, mas que de repente parou. A pequenita então ganhou terreno; faltavam-lhe tres passos, tres passos só . . . quando o viu sumir-se n'um cano de esgoto, arrombado pela força da chuva!

Ficou extatica, triste como se visse submergir-se, ao obtel-a quasi, a realisação dos seus sonhos, a sua felicidade!

Aquelles tamanquinhos eram todo o seu luxo; achava-os tão bonitos, riscados de verde e roxo!

Chorosa levantou os olhos para o ceu e viu, destacada das nuvens pardacentas, uma nesga azul, com a fórmula do seu tamanco! Que ironia!

A pequena abaixou a cabeça e continuou a andar. Uma hora depois voltava, trazendo um frango para a mãe.

O sol inundava de luz a estrada; as plantas humidas brilhavam; brilhava até a lama que

ella pisava descalça, mas muito mais do que tudo brilhavam-lhe em lagrimas os olhos.

Quando chegou a casa a mãe reprehendeu-a; demorara-se muito!

Contou ella então minuciosamente a triste historia do seu tamanco, e a maldade do Pae do Ceu, em mostrar-lhe de tão alto a imagem do objecto que perdera!

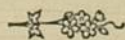
A mãe sorriu-se e, deixando á noitinha adormecida a filha, foi por sua vez á rua comprar-lhe um par de tamancos, com o dinheiro, que lhe haviam dado para o remedio.

—A minha filha, dizia ella comsigo, fez um grande sacrificio para que eu tivesse alimento e saude; é justo agora que eu me sacrifique para que a coitadinha tenha o que eu só por ella posso ter—alegria.

Como são santas as mães!

E foi assim que se acabou esta pequena historia, tão singela e tão vulgar. Agora o que é certo é que não acabou mal, porque, se a menina exultou de alegria, affiançam tambem que a boa mãe gosa e gosará muita saude.

Quanto ao tamanquinho que ficou, esse... é hoje o berço de uma boneca de panno, feia como um bicho feio, mas amada como uma filha estremecida.



LVI

Theologia infantil

De Luiz Ratisbonne

A MEU AMIGUINHO FRANCISCO BETHENCOURT DA SILVA

—Como é que o Pae do ceu está em toda a parte e ainda não foi visto?

Fazes favor, mamã, de me explicar bem isto?

—Eu sei, responde logo o encantador Duarte; é como, em copo d'agua, o assucar derretido que a adoça por igual e não o vê ninguém. Para cinco annos só, não foi mal respondido. Mais de um sabio talvez não dissesse tão bem.

LVII

Os diamantes

De Luiz Ratisbonne

À MINHA AMIGUINHA ELIZA B. DE GOUVEIA PEIXOTO

—Que pedra feia! — E esta? — É linda e preciosa.

—Pois são ambas eguaes, minha filhinha, escuta: é que uma está polida e a outra é pedra bruta.

—Eu quero ser polida, exclama a loira Rosa.

LVIII

Morta!

O luar entrava pelo quarto desenhando no chão o xadrex dos caixilhos da janella.

Estendida n'uma cama estava uma mulher na agonia dos ultimos momentos da existencia, n'essa dolorosa passagem da vida para a morte.

A seu lado dormiam tranquillos, abraçados e quentes, dous filhos pequenos. A desgraçada mãe, sentindo que lhe fugia a vida, que morreria antes que as primeiras claridades do dia viessem desvanecer as sombras do seu aposento, sentindo que era aquella a sua ultima noite, pensava no amanhã, no futuro dos filhos.

Elles, logo de madrugada, hão de vir, como sempre, beijar-me, e dizer-me:

—Bons dias, mamã. imaginava ella, e eu não poderei ouvir-lhes a meiga voz. . . e hei de ficar

muda!... e julgarão que durmo, ou que não quero responder-lhes e aceitar-lhes as caricias!... depois terão fome, frio e medo... medo de mim, de mim, que os amo tanto!

Quem os acolherá?... quem os aquecerá de encontro ao seio, como eu fazia quando se queixavam?... Quem?...

E ella soluçava, e as lagrimas rolavam-lhe pelas faces encovadas, para se estancarem nos labios requeimados e febris.

Abençoada uncção!

As creanças não deviam ficar sem seus conselhos, amparo do espirito; não queria deixal-as sem lhes dizer muitas coisas, e já sentia a lingua tolhida e apagada a luz dos olhos, e enregelado o corpo! Subitamente sentio-se animada, estendeu os braços para os filhos, ia prendel-os apertal-os, cobril-os de beijos; mas as mãos pararam-lhe no ar, como que para abençoal-os, apenas!... É que a noite estava em menos de meia, e se ella os despertasse, deixal-os-hia entregues a um medo pavoroso, alli, a seu lado, sem que os pudesse tranquillisar; e os braços tremulos caíram-lhe outra vez, e ella apertou as mãos crispadas sobre o peito, como querendo suffocar o grito que lhe ia rebentar d'alma e... morreu sem beijal-os para os não acordar.

Ou fosse presentimento ou rumor do passamento, as creanças despertaram aponto de ouvirem ainda os ultimos estertores.

Sentaram-se espantadas; a mais pequenina ia chorar, quando o irmão lhe disse a meia voz:

—Cala-te, a mamã está sonhando.

A mãe calou-se, lugubre silencio! e elles, os orphãos, ficaram sós e conchegados um ao outro.

—Tenho medo. . . gemeu a mais pequena.

Encosta-te bem para mim, respondeu resolutamente o mais velho; e ella apertou-o nos braços, e deitou-lhe a cabeça sobre os hombros, chorando.

O irmão sentia resvalarem-lhe pelo peito as lagrimas da innocente, e procurava a custo esconder as que lhe assomavam ás palpebras, para mostrar-se forte e poder contar no dia seguinte a sua mãe como se comportára com a irmãzinha.

Ella, porém, não cessava de soluçar, e era preciso distrahil-a.

—Olha, disse elle, apontando para a janella, como estão bonitas as estrellas! . . .

E a menina levantou os olhos humidos para o ceu.

—E o que é uma estrella? perguntou ella com a voz tremula e baixinho, como se temesse despertar a mãe, e procurasse ao mesmo tempo, afugentar o somno do irmão.

A resposta não se fez esperar muito.

—Uma estrella. . . sim, uma estrella é uma estrella, assim como tu és tu, e eu sou eu.

—Ah! . . . exclamou ella como se tivesse comprehendido.

A lua subia lentamente illuminando o grupo dos dous orphãos, que surgiam alvos d'entre a escura miseria, que os cercava; de braços nus, entrelaçados, com as cabeças aneladas, unidas, entregavam-se no meio d'aquelle silencio e d'aquella soledade á contemplação do firmamento!

—Tu, que já sabes ler, deves tambem saber o que é a lua; não sabes?

—Ainda não li isso; mas a lua... sei que é a lampada de nossa senhora.

—Mas então por que é ella ás vezes redonda, como agora, e outras do feitio de uma fouce?

—Isso não sei, mas no ceu ha muito de tudo; olha, só de lampadas ha uma porção!

—E nós sem nenhuma para alumiar nossa mãe...

--E as nuvens?

—As nuvens são veus com que se encobrem os anjos, que descem á terra para guardarem as creanças, que não teem pae nem mãe.

—E as nuvens negras como aquella, que vae cobrindo agora a lua?

—Aquella?!... disse o mais velho com voz tremula e baixa, sentindo que as forças lhe faltavam: aquella... é a sombra do papão!

Fecharam os olhos, estreitaram-se ainda mais um nos braços do outro, e esconderam a cabeça no travesseiro.

Instantes depois poder-se-hia ouvir a tranquil-

la respiração d'aquelles innocentes, abraçados e adormecidos.

A seu lado, hirta, fria, immovel, estava a mãe, a face amarellada, os olhos baços entre-abertos, e um fio de sangue coalhado e escuro, preso nos cantos da bocca.

Aquelles anjos, que tinham passado uma parte da noite a explicar tão singularmente o firmamento, ignoravam que o mais brilhante astro do ceu da sua existencia, a sua estrella na terra, havia-se apagado para sempre!



LIX

O dia de Natal

À MINHA AMIGUINHA ESTHER LOBO

Nascera n'esse dia glorioso
a gentil heroína d'este conto,
ha seis annos apenas. Onde estava?
não se lhe ouvia o passo gracioso,
nem o rir argentino, sempre prompto
a fugir-lhe dos labios; nem cantava.
'Stava entretido, o bello cherubim,
n'um pavilhão ao fando do jardim.

Vivia n'elle a boa Josephina,
santa velha, que outr'ora acalentara
a mãe da linda Estella. Quando a morte
roubou Clotilde, a velha a pequenina
ergueu do berço, e disse com voz clara,
illuminada de um febril transporte:
—Pomba! abre as azas brancas para a luz,
tua filha tem mãe! Vida! Jesus!

Desde então não parou : noites perdidas,
phantasticas historias, mil folguedos,
vestidinhos catitas, lindos nadas,
bonecas logo vistas e esquecidas,
beijos, caricias, mysticos segredos,
conselhos, risos, cantos, creançasdas,
enchiam-lhe a existencia de fulgor ;
mas . . . um dia cegou ! Que horrivel dôr !

O pae d'Estella andava viajando,
desde que se apagára a nivea estrella
que tanto amára, tanto ! Emfim, saudoso
voltou inesperado e, reccando
que o não amasse ainda a sua Estella,
a elle, que voltava sequioso
dos beijos d'essa flor angelical,
quiz festejar a noite do natal.

No meio do salão, secretamente,
tinham armado uma arvore gigante,
era verde e frondosa; em baixo d'ella,
poderiam caber, seguramente,
umas vinte creanças. N'um instante
ficou cheia de mimos. Quando Estella
a visse, que faria ? Deus do ceu !
Talvez chorasse e risse, que sei eu !

Josephina chorara muitas vezes
por não poder mais ver o loiro anginho,
que era toda a sua alma ! O seu encanto
dizia-lhe com fé: — Quero que rezes

ao Pae do ceu, pedindo um bocadinho de luz para os teus olhos; mas sem pranto. É dia de meus annos, sabes bem, senão, Filina, eu chorarei tambem.

Á noite foi chamada. Na saleta encontrou o papá, que a foi levando para o grande salão. Subitamente abrio-se a porta, e, como a borboleta, vendo a luz enlouquece, e cega, arfando, atira-se na luz, Estella, em frente a tanto brilho, a maravilhas taes, saltou, chorou e riu, até não mais.

As suas amiguinhas escondidas, um bando de avesitas curiosas, entraram a cantar alegremente. Começaram as danças, as corridas, as gargalhadas claras e ruidosas; era um conjuncto harmonico, eloquente! Estella, ria, ria . . . era feliz, mas de repente pára, chora e diz:

Fifina! Emquanto eu rio, ella padece!
O Pae do ceu tirou-lhe a luz e o riso!
Não verá mais o campo e as flores bellas!
Não, não quero brincar . . . até parece
que sou ingrata e má! O paraíso
é o amor que me tem. Não quero estrellas,
que brilhem mais que as lagrimas de dor
que chora quando a beijo. Santo amor!

LX

❶ calice de vinho

Veio um dia trazer-me um ramo de flores um velho jardineiro.

Como estivesse á mesa, offereci-lhe um calice de vinho.

—Não, minha menina, não bebo, respondeu-me rapidamente.

Perguntei-lhe então: porque?

A criada tirou os ultimos pratos, e subiu o lampião de gaz.

A luz bateu de chapa no rosto magro e queimado do velho, que, de olhos baixos, virava e revirava nas mãos callosas as largas abas do chapéu.

—Não bebo... continuou elle, faz seguramente um anno agora, no dia de S. João. Eu estava habituado a não faltar á missa n'esse dia

desde creança, porque, alem de ser dos de maior devoção, era dia dos annos de meu pae, que, como eu, tinha o nome do santo, e minha mãe levava-me sempre comsigo á egreja para implorar a felicidade do velho. Cresci, criei-me e envelheci com as mesmas ideias, e tanto que ainda no anno passado quiz que vissem do ceu que me não esquecia do que me haviam ensinado.

Levantei-me muito cedo, passei os olhos pelos meus canteiros, reguei as plantas dos viveiros, acondicionei as vidraças das estufas, guardei, depois de limpos, todos os utensilios da jardinagem no caramanchão, e fui vestir-me conforme pedia a festa.

—Desculpe se lhe conto a cousa pelos miudos, mas como me perguntou a razão, devo-lhe toda a verdade.

—Continue, disse-lhe; interessa-me a sua historia.

—Quando entrei no quarto, o meu netinho dormia; parece-me que o estou vendo: d'entre a coberta de lã, sahia-lhe a cabecinha loira, e tão tranquillo estava, e tão quentinho, que tive mesma pena de acordal-o. Disse de mim para mim: ora visto-me primeiro, e dou-lhe assim mais tempo para gosar o calor e o descanso. Arranjei-me de vagar, dando tempo a que acordasse, mas a creança estava ferrada no somno, como se fosse um anjo no seio do Senhor.

Curvei-me para elle, chamando-lhe pelo no-

me, sacudi-o brandamente, com dó, confesso, de o despertar; elle deu um suspiro profundo e prolongado, e voltou-se para o outro lado, sem sequer alterar a respiração, que era a mais regular.

Vi que eram horas da missa e que não devia perdê-la; tirei então do bahu o seu fatinho domingueiro, puz-lh'o junto á cama, beijei-o no rosto de manso e sahi.

Depois de ouvir o officio, encontrei-me no adro da egreja com uns conhecidos, que me convidaram para dar um passeio. Disse-lhes que não podia, porque o pequeno tinha ficado só, e que estava com cuidado n'elle, ao que me responderam:

—Qual! teu neto já é um rapasito de oito annos; d'essa idade te conheci eu, andando atraz dos carneiros no monte; não te lembras d'isso? Anda d'ahi; quando elle der pela tua falta, virá procurar-te.

Aquella recordação do tempo em que, como elle, era pequeno, decidio me a acompanhal-os. Na verdade eu nunca tive quem me deixasse a roupinha ao pé da cama, nem quem tivesse pena de despertar-me; pois ao romper d'alva tinha de sair, n'aquella idade, com o rebanho para o campo. O pequeno nem se lembraria de chamar por mim, e de resto, eu voltaria cedo.

E assim deixei-me ir com aquelles amigos, que principiaram a fallar das familias, dos tem-

pos passados, dos auzentes, de meus paes, mulher e filha, todos mortos, e da minha aldeia, d'onde um d'elles chegára havia pouco, trazendo noticias frescas dos amigos, dos logares e de tudo.

Não sei como, fui-me distralindo e deixei-me ficar em sua companhia, jantando mesmo com elles.

Foi a minha desgraça. Bebi e bebi muito.

Assim como sabindo da velha casa de meus paes, eu vi irem-se desfazendo no horisonte, os recortes das montanhas, que rodeiam a minha aldeia para sumirem-se de todo quando já pelo mar fóra; assim n'esse dia foram-se desfazendo no meu coração as angustiosas saudades, que o fallar dos companheiros tinha avivado n'elle, á medida que me deixavam mergulhar na embriaguez.

Encostado á meza onde passára a tarde descuidado, adormeci. Pouco depois acordei: era noite. Meus companheiros mais moços e mais fortes do que eu, tinham-me abandonado. Sahi d'aquella casa maldicta. No ar rebentavam as bombas e riscavam o ceu escuro as listras douradas dos foguetes, que se desmanchavam em lagrimas. Por detraz dos muros das chacaras ouviam-se alegres sons de vozes, festejos de musica, de cantos e de fogueiras, cujo clarão dava ás casas e ás arvores um realce, uma côr avermelhada, que m'as fazia parecerem desconhecidas. Eu que-

ria correr mas não podia; sentia as pernas presas por pesadas correntes de ferro; queria avançar, recuava; por fim desalentado cahi sobre as pedras quando estava junto ás grades do jardim de meu amo; ficava bem perto o portão, mas não o cheguei alcançar. Já não podia dormir, mas não podia tambem formar qualquer pensamento, nem pronunciar uma palavra.

Os meus olhos abertos fixavam o firmamento onde se me afigurava ver um baile de estrellas.

Passavam e repassavam junto de mim homens, mulheres e creanças: todos me encaravam, estas com a expressão do medo, aquelles com repugnancia e tédio. . . Eu ria-me, e continuava estúpido a olhar para o espaço illuminado.

As horas iam correndo, e era já muito tarde quando percebi um vultosinho curvar-se para mim. Era uma creança, que ao ver-me alli por terra, não se afastára com medo como as outras, e que, ao contrario, fitava em mim dous olhos brilhantes e innocentes.

Senti então que me prendiam as mãos callosas e quentes umas pequenas e macias. Incomodou-me a persistencia d'aquelle olhar, que tinha mais brilho do que todas as luzes soltas no ar, e que me ia até ao fundo d'alma, a revolver-me na consciencia não sei que dolorosas lembranças. Ia afastar de mim aquella creança, quando ella ajoelhada murmurou esta palavra:

—Avô!

Estremeci! O que n'aquelle momento me passou pelos olhos, o que senti n'alma não posso dizer agora! Aquella voz debil, aquella unica palavra—avô—chamou-me subitamente ao dever. Despertei do estado de indiferença em que tinha cahido, sentindo uma dôr aguda no coração.

—Que queres? perguntei-lhe.

—Quero que o avô vá para casa, ou que me leve comsigo... Passei o dia todo sosinho, e estou com medo...

—E... para onde ias tu agora?

—Ia procural-o, avô...

Foi como se me tirassem um peso de cem kilos de cima do peito; tomei-o em meus braços, cobri-lhe o rosto de beijos e de lagrimas, sim, porque chorei bastante, dizendo-lhe:

—Que queres! cahi aqui... foi um ataque que me deu... anda, ajuda-me que são horas de ir para á cama. E elle com as suas mãosinhas delicadas levantou do chão o meu chapéu e o meu cajado e disse:

—Vamos, vamos meu avô.

No outro dia o filhinho do patrão perguntou a meu neto:

—Então, viste como estavam lindas as lagrimas dos foguetes de hontem?

—Eu... eu só vi as lagrimas de meu avô, respondeu-lhe o pequeno.

Ora aqui está, minha menina, porque não bebo mais.

*
* *
*

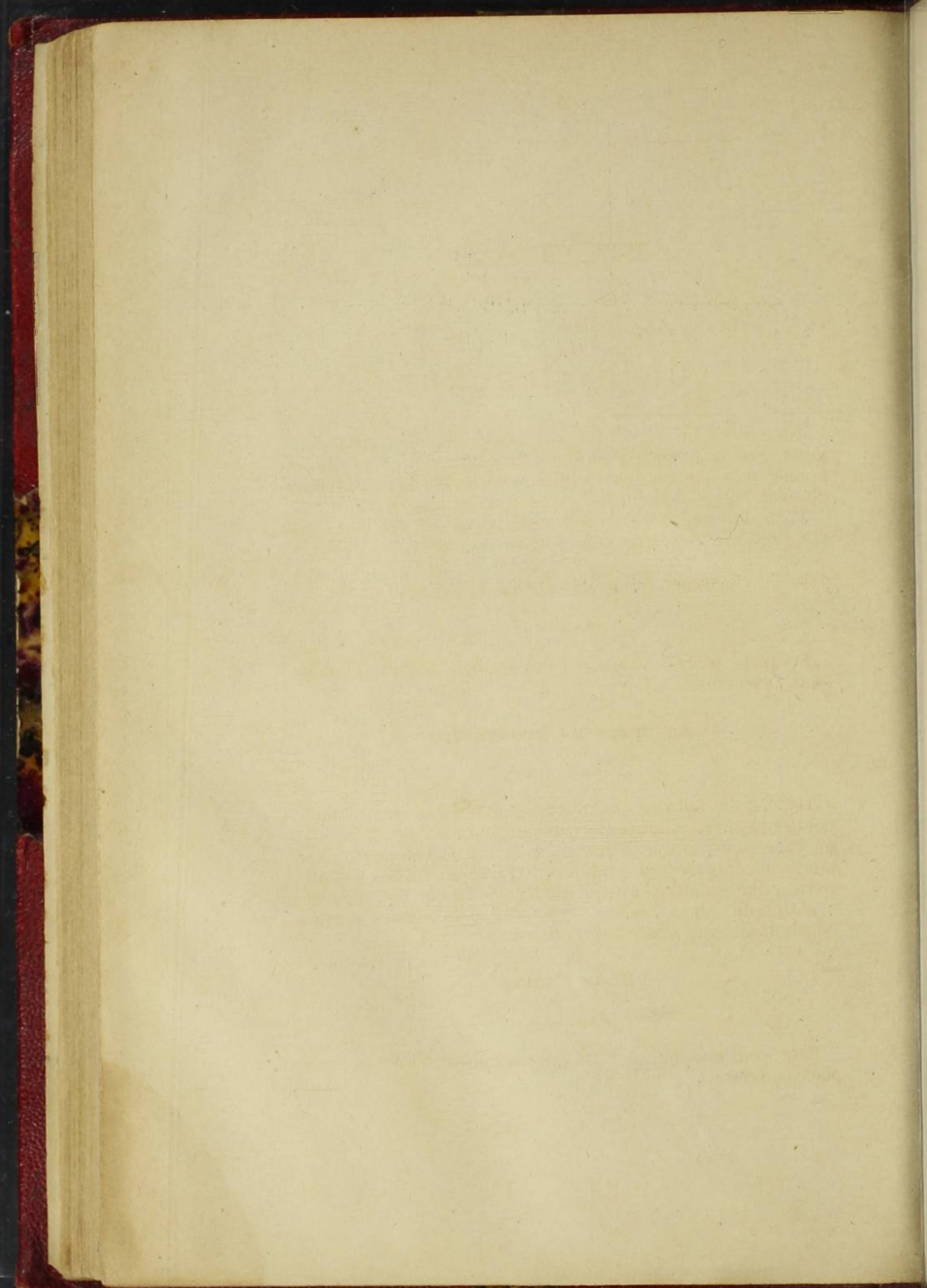
Emquanto o velho jardineiro dava a razão da sua recusa, contemplava eu absorta aquelle calice de vinho, cuja transparencia, atravessada por um raio de luz, ia desenhar um circulo doirado e tremulo sobre a toalha.

Pensava ao mesmo tempo na rudeza d'aquelle homem, no mal que lhe haviam feito os falsos amigos, e no auxilio do seu anjo da guarda.

Quando acabou estendi-lhe a mão, que hesitou em apertar, dizendo-lhe unicamente estas palavras:

— Não se esqueça nunca d'esse dia, e Deus proteja o seu neto!

 F I M 



NOTAS

LUIZ RATISBONNE

Na collecção de contos em verso incluiu a autora alguns que traduziu da COMÉDIE ENFANTINE de Luiz Ratisbonne, obra que, com justo titulo, está ha muito considerada classica entre os melhores livros de educação.

Para differenciar essas pequenas peças das originaes vão ellas sempre marcadas com o nome do autor.

Mimi ou a cabrinha cinzenta

PAG. 58

Foi inspirado este conto por um episodio do livro L'AMOUR CHEZ LES ANIMAUX.

As flores do pecegueiro

PAG. 115

Depois da leitura dos SONETOS E POEMAS do distincto poeta brasileiro Alberto de Oliveira, obra publicada no Rio de Janeiro, escreveu a autora *As flores do pecegueiro*. Não tendo encontrado em nenhuma livraria de Lisboa aquelle livro, é-lhe impossivel dizer qual a poesia que lhe suggerio o assumpto. Sirva porém de satisfação ao illustre poeta a consignação que n'este logar fazemos.

Boas Festas

PAG. 133

Este continho foi escripto após a leitura d'uma popular poesia ingleza.

INDICE

	PAG.
Prologo.....	V
Dedicatoria	1

CONTOS INFANTIS

EM PROSA

Por Julia Lopes

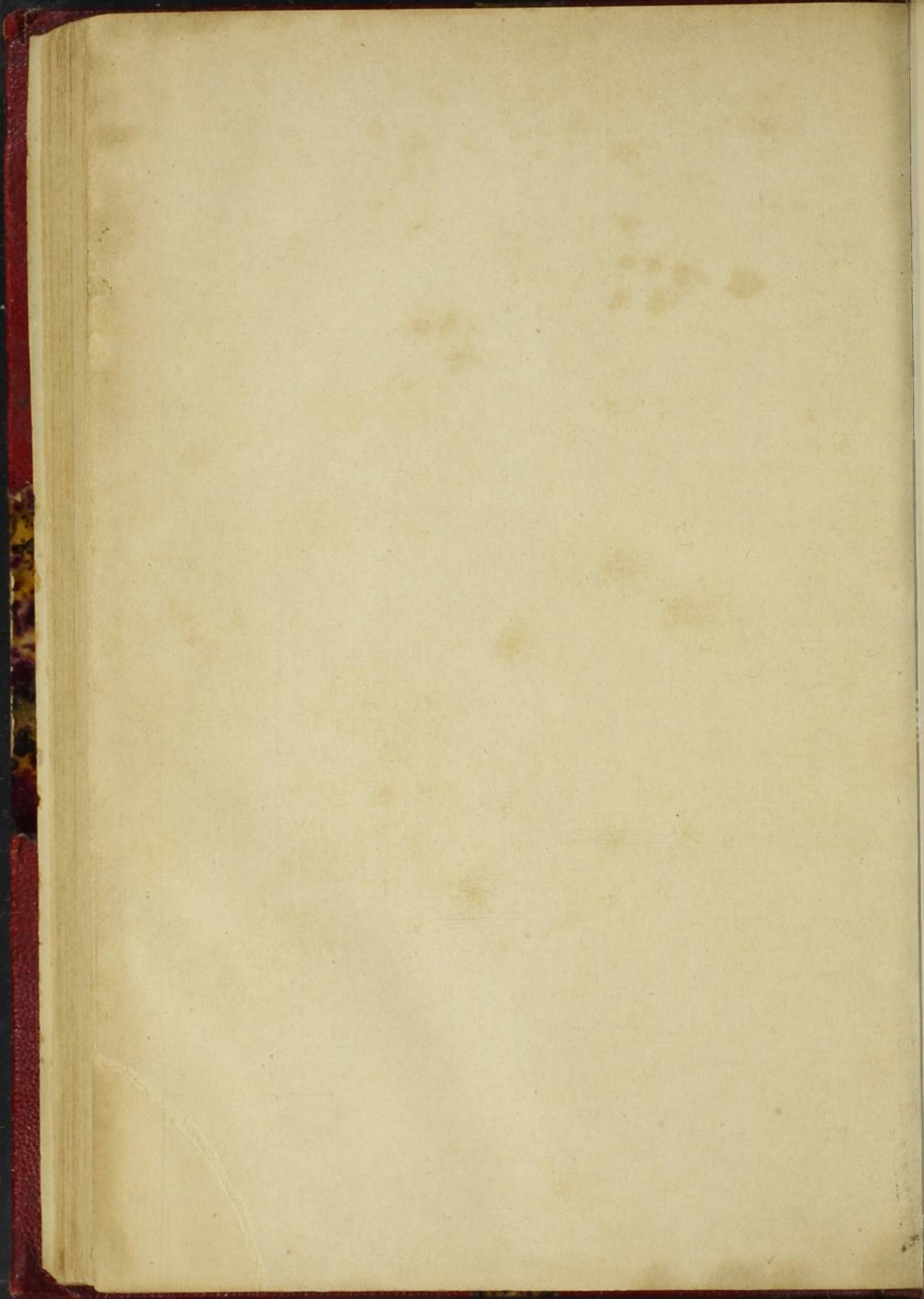
I—A Leitura.....	3
III—O Passarinho.....	8
V—O Remendo.....	14
VIII—Os sapatinhos azues	19
X—Historia de um vintem.....	25
XIII—O Gago.....	30
XV—Os Morangos.....	35
XVII—Biographia de uma aranha.....	43
XIX—O Retrato da avó.....	46
XXI—A Ingratidão.....	52
XXIII—Mimi ou a cabrinha cinzenta.....	58
XXV—O Correio.....	63
XXVIII—A Rosa.....	70
XXX—A Esmola.....	76
XXXII—O Palhaço.....	85
XXXV—As duas fadas.....	91
XXXVII—A Costureira.....	99
XL—D. Formiga.....	107
XLII—As flores do pecegueiro.....	115
XLV—O Faisca.....	120
XLVII—Protecção divina.....	127
XLIX—Boas Festas.....	133
LI—A Escola.....	137
LIII—O Berço.....	142
LV—O Tamanco	148
LVIII—Morta!.....	153
LX—O Calice de vinho.....	161

CONTOS INFANTIS

EM VERSO

Por Adelina A. Lopes Vieira

	PAG.
II—O Heroe.....	5
IV—Meiguice.....	11
VI—Vinganca (<i>Ratisbonne</i>).....	17
VII—Muito Mais (<i>R.</i>).....	18
IX—D. Quixote.....	22
XI—O Estudante e o bicho de seda.....	28
XII—O Bem (<i>R.</i>).....	29
XIV—O Anginho.....	32
XVI—As flores amam.....	40
XVIII—Amor Supremo (<i>R.</i>).....	45
XX—O Ninho da Toutinegra.....	48
XXII—O Ramo Verde.....	55
XXIV—Ariel.....	61
XXVI—Deos (<i>R.</i>).....	68
XXVII—A Borboleta (<i>R.</i>).....	69
XXIX—Ferrabraz.....	73
XXXI—O Rubim.....	82
XXXIII—Não se péde nada á meza (<i>R.</i>).....	88
XXXIV—Os Ingratos (<i>R.</i>).....	89
XXXVI—O Vestido de Bertha.....	95
XXXVIII—As Perguntas (<i>R.</i>).....	105
XXXIX—A Boa Companhia (<i>R.</i>).....	106
XLI—O Natal.....	111
XLIII—A Edade do Pae (<i>R.</i>).....	118
XLIV—O Padre Nosso (<i>R.</i>).....	119
XLVI—Amor de Creação.....	125
XLVIII—A Velha.....	130
L—Chuva e Sol.....	136
LII—Deus faz tudo (<i>R.</i>).....	141
LIV—O Oleo de Ricino.....	146
LVI—Theologia Infantil (<i>R.</i>).....	152
LVII—Os Diamantes (<i>R.</i>).....	152
LIX—O Dia de Natal.....	158



36105

